

O CORREIO

Director-Gerente
A. R. d'Azevedo Bastos

SEMENARIO MONARCHICO

Editor
Bento d'Oliveira e Silva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Passos Manuel, 177-1.º — Porto

Composto e impresso na Typographia Costa Carregal, travessa Passos Manuel, 27—Porto.

Agencia em Lisboa: R. Antonio Maria Cardoso, 68-3.º.

Proprietario — JOAQUIM LEITÃO

1.º ANNO — N.º 3 — Avulso 20 rs.

Sabbado, 21 de Dezembro de 1912

ASSIGNATURAS—Portugal, Ilhas e Colonias: serie de 52 n.ºs, 1\$000 reis—Serie de 26 n.ºs, 500 reis. Estrangeiro: (Paizes da União postal)—serie de 52 n.ºs, 15 francos (ou 3\$000 reis). Serie de 26 n.ºs, 8 francos (ou 1\$600 reis). Brazil: serie de 52 n.ºs, 6\$000 reis (moeda brasileira) Sendo a cobrança feita pelo correio, acresce 60 reis para Portugal, Ilhas e Colonias, e 50 centimos (ou 100 reis) para o estrangeiro.
ANNUNCIOS—Na secção de annuncios: 50 reis a linha. Nas outras paginas: contracto especial.

E' NOSSO AGENTE EM PARIS

O SNR.

Alvaro Pinheiro Chagas

a quem deve ser dirigida toda a correspondencia relativa a assignaturas, annuncios e collaboração do Estrangeiro

ESCRITORIO
DA AGENCIA DE O CORREIO,
EM PARIS:

26—Rue Feydau—26

TELEPHONE, 275—56

Endereço telegraphico: *Correio Business—Paris.*

Endereço postal: *Correio Business—26—Rue Feydau—Paris.*

SUMMARIO

- A' Má-Cara
- Notas de um lisboeta—por ANSELMO
- Echos
- A Crise radical em França—AYRES DE ORNELLAS.
- Como triumpham as revoluções—JOAQUIM LEITÃO.
- Combinação conjugal
- A Caminho de Constantinopla—por AYRES D'ORNELLAS
- Quanto mais prohibido, mais apetecido!
- Chronica da Vida Nacional—ANTONIO LANÇA.
- Pathologia da Republica—por DOUTOR THALASSA
- Quem é Pierre Laffitte—JOAQUIM LEITÃO.
- Abençoadas Lagrimas
- Governe Masaniello!
- Semana Mundana
- Folhetim—A Chica em S. Carlos—por ANSELMO
- Chronica militar
- Carta de Paris—J. SEQUEIRA
- Carta de Lisboa—por RAUL

Á MÁ-CARA

Os extraordinarios factos que na semana passada occorreram em Lisboa, em frente da Associação d'Agricultura, e as ainda mais espantosas declarações feitas a tal respeito no parlamento, pelo sr. presidente do conselho e por alguns chefes politicos, poem na sua verdadeira luz, ainda perante os espiritos mais propensos a ajuizar com benevolencia das intenções alheias, a actual *questão dos impostos*—que é, depois da *questão religiosa*, a mais grave em si e nas suas consequencias, de entre todas quantas a impericia dos governantes ou a fatalidade das coisas tem erguido no caminho da joven Republica portugueza.

Quem pudesse imaginar nos dirigentes, apesar de tudo e contra todas as apparencias, um sincero desejo de exigir á propriedade particular tudo quanto ella devêse legitima e razoavelmente pagar em contribuições ao Estado, *mas só isso*, e isso distribuido razoavel e equitativamente entre os contribuintes, deve ter soffrido n'aquelle dia medonha decepção perante as boccas fumegantes das modernas pistolas automaticas que, postas agora ao peito dos possuidores da

propriedade, substituem com vantagem o imperfeito trabuco dos velhos tempos.

O edificante apparatus da semana passada, feito e consentido de proposito para aterrar, e para abaixar nos espiritos a mais ligeira velleidade da mais timida objecção, á projectada operação de deslocamento de numerario, que por euphemismo se tem chamado *aggravamento d'impostos*, significa que o que se quer não é praticar um acto, bom ou mau d'administração publica—para o que *nunca* se impediram as representações das collectividades interessadas—mas sim, pura e simplesmente, fazer dinheiro, passando-o da algibeira de quem licitamente lhe chama seu, para a d'aquelles cujos orçamentos particulares se não resignam a manter-se debaixo da modestissima bitola, anterior ao faustoso dia 5 d'outubro de 1910.

Não se comprehende bem porque é que (embora a propriedade não se encontrasse tão exorbitantemente onerada entre nós) os proprietarios, tendo adquirido legitimamente aquillo que possuem, e mantendo-o ou augmentando-o á vista do seu dinheiro, da sua intelligencia e do seu esforço, hão de ser compellidos a pagar o premio monetario que a si proprios se adjudicaram, por virtude da mudança de regimen, uns tantos milhares de cidadãos, até ahi quasi ociosos, e que nem mesmo para a proclamação da Republica consta que tenham concorrido notavelmente; isto tudo com a circumstancia de que nem a propriedade, nem a economia publica, nem o Estado, no seu conjunto ou em qualquer das suas particularidades, teve senão a perder com aquella mutação d'instituições e de pessoal politico e burocratico.

Mas está é a logica dos alveja-dos, e tambem a dos que na questão possam ser imparciaes; a logica dos desfructantes da situação é outra, e, se não se evidencia por operações da intelligencia é natural que pretenda impôr-se pelo caceté e pelo revolver, mediante a encantadora abstenção dos agentes e detentores da força publica, que parece não serem proprietarios nem das armas que usam.

Ora agora, o que aos organizadores particulares e officiaes d'esta offegante *curée* parece escapar (porque nem tudo lembra aos cerebros sobrecarregados) é que isto de impostos obedece a certas leis, aliás muito elementares e conhecidas, anteriores e superiores ás do nosso sabio parlamento, e ás necessidades mais ou menos instantes dos revolucionarios profissionaes. Essas leis da sciencia financeira, que até hoje se tem em toda a parte verificado sem excepção conhecida, dizem que a capacidade tributaria da propriedade, como de toda a materia collectavel, tem um limite, e que além d'esse limite o Estado não percebe mais um quarto de centavo, par-

tido ao meio. O paiz estoira mas não paga.

D'onde vem não agoirarmos nós larga dura ás prosperidades daquelles que pretendem emborcar em copos d'ouro aquillo que n'outros tempos se chamava metaphoricamente o suor do povo.

Mas isso não quer dizer, que nem o passado nem o presente se figurem isentos das mais torvas ameaças, para os actuaes *detentores da propriedade*.

O Estado não receberá mais de impostos; a depreciação da propriedade redundará, pelo contrario, em gravissimos prejuizos directos e indirectos para o thesouro publico—mas a propriedade desloca-se. Onde o fisco lançar a garra, não larga.

De modo que... De modo que, dado o inabalavel proposito da Republica arrancar os novos impostos, e dada a impossibilidade, em que a maioria dos proprietarios se encontra, de os pagar, sem ser á vista da propria ruina, não sabemos que remedio elles antevejam, nem que solução se offereça ao seu espirito, para a questão politica e as angustias economicas da hora presente.

■ ■

Notas de um lisboeta

A morte do papagaio

O José Pedro entrara no 31 de Janeiro e, fracassado o movimento, abalára, fugido a uma possivel perseguição policial, a procurar refazer no Brazil, a sua vida arruinada pela liquidação precipitada da sua mercearia no Bomjardim, onde arrancara ao consummidor, á força de fraudes, e dos marçanos, á força de bordoadas e de privações, a fortunazinha cujos miseros restos elle apalpava na carteira, junto ao peito, quando, por uma fresca manhã de Março, o vapor levantou ferro em Leixões, o caminho de Pará.

Por lá a vida não lhe correu facil e um dia o José Pedro seguiu, Amazonas acima, a estabelecer no matto um seringal. Tempos asperos aquelles!... Tempos asperos para elle, mas principalmente tempos asperos para os indigenas, que o José Pedro levava a cavallo marinho, brutalmente, em impetos de ferocidade que o tornavam temido e odiado.

Nunca para aquelles desgraçados tinha um gesto de compaixão, um aceno de affecto, e só no seu olhar não havia relampagos de coiera para o Louro, o papagaio que elle levára de Pará, e que ás noites lhe era companheiro na solidão da sua cabana em meio de matto, e tão costumado já a elle, que para toda a parte acompanhava sem que o seduzissem as altas ramagens das arvores nem a amplidão azul do espaço.

Assim fôra o papagaio atravez os annos, assistindo ás scenas tragicas do matto acompanhando, inconsciente, os gritos dos indigenas martyrisados, com a *Portugueza*, que o José Pedro, no seu amor pela republica, recordando o hymno que estalára vibrante pelas ruas do Porto na manhã historica de 31 de Janeiro, lhe ensinára a assobiar nas longas noites de tedio na cabana solitaria.

Certa noite, quando ambos, o homem e o bicho, recolhiam depois de um dia de trabalho e de brutalidades, em que o José Pedro deixára no matto estendidos, meio mortos á força de vergastadas, dois indigenas, junto dos quaes malheres gemiam e creanças choravam, o seringueiro, com um grito de alegria e de surpresa, leu nos

jornaes de Manaus, que n'esse manhã a lancha, ao passar, rio acima, lhe deixára, a noticia de que em Portugal, finalmente, fôra proclamada a Republica.

Logo n'esse mesma noite o José Pedro decidiu regressar á patria. E de facto, semanas depois, liquidada á pressa em Manaus o resto da borracha e passado a outrem o seringal, tornava elle a ver da ponte do paquete, por entre o nevoeiro da manhã, as costas portuguezas, depois Leixões, o arqueado gracioso de Leça, e ao cair da tarde seguia já, sorridente, com a gaióla do Louro pousada ao lado no banco de electrico, para a cidade de onde, annos antes, partira resmungando pragas e palavras de odio.

Installado n'um hotel barato n'uma rua tranquilla, logo na manhã seguinte correu a ver amigos, a encontrar-se com antigos companheiros de luta, deixando para alli, solitario e murcho, na gaióla pendurada á janella, o Louro.

Depois, lançado na politica, passando as tardes atarefado na Praça Nova, vociferando soluções rapidas para problemas graves do paiz, e perdendo as noites nos Centros, onde, n'uma barafunda, se agitavam complicadas questões de conspiração e se decidiam denuncias e prisões, *pic-nics* democraticos e festas rijas, o José Pedro fôra abandonando o Louro, sem dar tento de que o bicho, saudoso das tardes quentes do seringal definhava, olhando triste a rua, esquecido já da *Portugueza*, longe do scenario grandioso da floresta sem fim-olvidadas já as scenas tragicas do matto em que, entre os cipos os indigenas se es, torciam sob o cavallo marinho de seringal, guero implacavel.

Um dia o Louro, n'um arripiar de penas, sahiu d'aquelle torpôr em que para alli estava todos os dias sobre o poleiro da gaióla forrada a zinco, e de cabeça ao lado, olhou para alem, para o fim da rua de onde surgira, n'um vozear tremendo, uma multidão agitada e ruidosa.

Depois, encolhendo-se de novo, que-dou-se indifferente. O rumor aproximava-se, augmentava, enchia a rua, e de repente, sob a janella, pelo estreito intervalo das duas varandas o Louro viu, n'um relance, em meio da multidão, sem chapéu, com o collarinho desabotoado, o José Pedro que, de cavallo marinho em punho, o braço estendido por entre as espingardas de dois soldados impassiveis, desancava um desgraçado que, junto com outros, se arrastava, desfallecido e ensanguentado.

Ao divisar a scena rapida, o Louro, n'um sobresalto, enfunou as penas, estendeu o bico, deu alegremente duas voltas no poleiro, e de chôfre, n'uma recordação subita de tudo que havia tanto esquecera, as tardes quentes do matto, a floresta sem fim, os indigenas estorcendo-se ensanguentados por entre os cipós, encurtou o pescoço e, delirante, assobiou a *Portugueza*.

Depois, como se o que lhe de restava de vida se lhe tivesse ido no esforço d'aquella onda de recordações longiquas, encolheu-se, baixou a cabeça e, de subito, como uma pedra, inerte, tombou do poleiro, morto, o corpo a balançar no espaço, preso pelo pé á corrente dourada.

O José Pedro não o mandou empalhar.

ANSELMO.

■ ■

ECHOS

Nunes protesta

Nunes Loureiro, vereador lisboeta que as peixeiras mimosearam com varias *cachuchas* nas ruas da capital, veio ao Sagrado Tribunal da Imprensa com uma carta em que bravamente protestava contra o facto do povo soberano o ter perseguido do Pelourinho ao Rocio, sem que a policia impedisse esse attentado á sua integridade corporal.

Ouçá, Nunes... Como queria que a policia corresse em seu soccorro se ella tem ordem para se conservar tranquilla e impavida quando esse povo soberano desanca thalassas, e se as peixeiras a enganaram chamando-lhe, a si, Nunes, *thalassa*?...

E duvida, Nunes Loureiro, que isto seja verdade?

Pois se duvida leia nos jornaes a noticia dos tumultos em frente da Associação de Agricultura, em Lisboa, tumultos no decorrer dos quaes foram agredidos varios socios d'aquella Associação, que os jornaes democraticos accusam de *thalassismo*, e nessas noticias lerá, — não com surpresa, porque para si, Nunes, já não ha surpresas — mas com interesse, que ao apparecer a policia e a municipal, alguns populares as mandaram retirar, o que os commandantes d'essas forças, — e aqui é que de certo se não ha surpresa para si, Nunes, a ha para nós, pares, — fizeram immediatamente. De resto, não vemos, Nunes Loureiro, com que direito protesta contra as violencias de que foi victima, se nunca a sua voz indignada se ergueu contra as violencias de que varias vezes teem sido victimas, tambem na presença da força publica, muitos dos seus conterraneos, que aliás nunca se metteram em negociatas de peixe grosso ou miúdo.

Justiça

Diz o *Mundo*, a proposito de um projecto de lei apresentado ao parlamento pelo sr. Granjo, que para ahí se tem feito intensa propaganda a favor de um *regresso aos tribunais civis, dispensando a recta e digna justiça feita pelos tribunais militares*.

Parece-nos interessante referir, como simples esclarecimento aos dizeres do *Mundo*, que muito recentemente os tribunais militares, julgando varios emigrados a quem accusavam de terem tomado parte na ultima incursão realista, condemnaram a prisão maior cellular e a degredo dois ou tres emigrados, — que não tomaram parte na incursão, que estavam n'um hotel da Galliza quando ella se realizou, — absolvendo na mesma audiência um antigo militar, que commandou no combate de Chaves um dos polotões realistas, cujo nome figurava como tal nos papeis apprehendidos a um dos presos, que toda gente sabe ter tomado parte n'essa incursão e que ainda ha dias publicou em alguns jornaes uma carta em que declarava tudo isto, protestando contra a sua absolvição.

Claro está que estas linhas são uns simples esclarecimentos aos dizeres do *Mundo*.

Pena seria, de facto, que o publico, por falta d'este esclarecimento, deixasse de concordar entusiasticamente com as palavras do órgão democratico.

Syndicancias

A *Lucta* apparece a dizer não ser exacto que se não tenham publicado relatorios das syndicancias feitas aos ministerios, e para prova cita a publicação de uma lista de adeantamentos feitos no tempo da Monarchia.

Uma lista de adeantamentos não é um relatório e o que nós queremos saber é justamente em que se funda o syndicante para dizer que não tenham sido legaes certos d'esses adeantamentos, que não foram liquidados quasi todos, e para considerar como roubos ao paiz outros para cujo pagamento o Parlamento não chegou a providenciar, porque nunca lh'o consentiram com as suas indecorosas *zargatas* os republicanos, que na Camara procuraram fazer sempre com que o assumpto ficasse em aberto.

Os adeantamentos!

Ah! senhores!... pois não se encontrará em todo esse jornalismo republicano uma pessoa imparcial que discuta com serenidade, com verdade e com honestidade essa questão dos famosos adeantamentos, de que se lança mão a cada momento para injuriar e diffamar toda a gente?

Negociata

O *Intransigente*, referindo-se á declaração do sr. Theophilo Braga, de que era preciso no ministerio das finanças um contabilista estrangeiro, diz o seguinte:

« Pretendendo-se como se pretende por ahí, e nós já o demos a entender num echo, e no nosso primeiro artigo sobre O Problema da Defeza, arranjar uma grande negociata, logico era que tentassem enredar nas malhas da rede syndicateira um figurão da pólpá do dr. Theophilo Braga.

E ele, ingenuo, caiu! Mas como é teimoso, não quer confessar a queda e teima no seu contabilista... como se fóra dele.»

Como o *Intransigente* não é jornal monarchico, isto é, não pertence ao numero d'aquelles jornaes que o *Mundo* acusa de quererem desacreditar a Republica, devemos concluir que não é por *parti pris* que o órgão do sr. Machado dos Santos affirma:

1.º Que na Republica se pretende arranjar uma grande negociata.

2.º Que para isso se está lançando uma rede syndicateira.

3.º Que nas malhas d'essa rede se pretende enredar *figurões de pólpá*.

Tomamos a devida nota.

Syndicancias

Segundo o *Seculo*, syndicancias publicadas ou não provaram que a administração da Monarchia era corrupta, que se desviavam os dinheiros da sua applicação legitima e que as clientellas devoristas arruinaram o paiz.

Não sabemos o que provaram ou deixaram de provar as syndicancias não publicadas, e permittimo-nos a liberdade de duvidar que, se d'ellas tivessem resultado provas de quaesquer abusos monarchicos, a Republica tão cuidadosamente evitasse a sua publicação.

Mas sabemos o que provou a unica parte publicada do relatório da syndicancia á Casa da Moeda.

Provou... que o melhor era não publicar o resto.

O *Seculo* sabe d'isso.

Oh! se sabe!...

Democraticos!

Declara a *Republica* que no partido democratico encontram agasalho carinhoso e efficaz, homens que nunca foram republicanos e até alguns que no tempo da Monarchia, havendo desertado das fileiras republicanas após o 31 de Janeiro, nas vespersas de 5 de Outubro proclamavam, congestionados de furia contra a Republica, que melhor era que uma administração estrangeira viesse para Portugal, do que a Republica substituísse a Monarchia.

Pedimos a fineza da citação de alguns nomes, pois é muito possivel que a respeito de muitos possamos fazer depoimentos interessantes.

Assim é possivel, por exemplo, que possamos dizer que alguns d'elles, se antes de 5 de outubro proclamavam que á Republica era preferivel uma administração estrangeira, berram agora pelos centros democraticos que, ao regresso da Monarchia, mil vezes preferem a intervenção das potencias.

Educação jesuitica

Bastante molestado com a fatalidade das cousas diz o *Mundo* que *seculos de educação jesuitica pezam atavicamente* em muitos portuguezes, fazendo com que se alguem, e isto de um modo geral, — pois de um modo particular o *alguem* seria o sr. França Borges. — se affirma pelos seus meritos, logo uma duzia de pandegos se concertam para lhe chamar a elle, — a *elle* *alguem*, — imbecil e patife, e com que, quando nem uma nem outra cousa tenha viabilidade de exito, o *cerquem de todos os lados* n'uma montaria calada, de pequeninas traições.

Ora é de notar que, recordada toda a campanha republicana contra a Monarchia, se chega á conclusão de que os portuguezes, sobre os quaes mais *pezam atavicamente os seculos de educação jesuitica* são precisamente os republicanos, pois ninguem como elles usava mais o injuriar grosseiramente quem de qualquer forma sobresahia pelos seus meritos, ou *cercar de todos os lados* — ai! não... havia de ser cercar de um lado só, — n'uma montaria calada de pequeninas — e grandes — traições, quem de entre os outros se distinguia.

Não deixa de ser curioso que seja assim o proprio *Mundo* a vir confessal-o, embora sem dar por isso.

Presos politicos

O *Bracarense* publicou ha dias um supplemento contendo uma entrevista que um dos seus redactores teve com o sr. dr. Telles de Vasconcellos, que á data da entrevista, isto é, ha cerca de dois mezes, estava preso havia já 144 dias sem que ao menos tivesse sido interrogado, e ignorando, portanto, ainda em que se baseava a sua prisão.

O que n'essa entrevista conta o sr. dr. Telles de Vasconcellos é positivamente pavoroso, e para que, por um exemplo, se possa avaliar o resto, basta que digamos que na cadeia de Braga estava n'essa occasião, — e não podemos dizer se ainda lá está, — uma pobre senhora de 73 annos de idade, soffrendo de uma adeantadissima lesão cardiaca, e para quem o regimen a que está sujeita representa um constante agravamento da sua doença.

Dentro em pouco iniciaremos n'estas columnas a publicação de uma serie de entrevistas, pelas quaes o paiz poderá ter conhecimento seguro, da situação em que se acham muitos presos politicos.

Temos porem que tomar determinadas precauções para a publicação d'essas entrevistas, pois já tem succedido que a revelação dos tormentos soffridos por muitos presos, longe de servir para que nas regiões officiaes se tomem as necessarias providencias, muito pelo contrario tem dado logar a que mais dolorosa se torne a vida dos desgraçados, quasi todos elles victimas de vinganças mesquinhas e de odiosas perseguições.

E triste seria para nós que, pretendendo concorrer para que lhes fosse suavisada a prisão, por nossa causa mais dolorosa ella se lhes tornasse.

Assistencia Publica

O sr. Alberto de Oliveira referindo-se no *Socialista* ao que se passa com o Assistencia Publica e com as Juntas de Parochia, em Lisboa, revela que *se o requerente é protegido póde ter a certeza de que recebe a pensão*, e declara mais que *a Assistencia está dando, fiada nas informações das Juntas, pensões indevidamente a pessoas que não precisam ou que a estas não teem direito*. Depois cita o caso de certo senhor desejando offerecer a uma dama do seu conhecimento uma pensão mensal certa, a mandou fazer um requerimento que elle proprio informou favoravelmente. Accrescenta ainda o sr. Alberto de Oliveira que entre os operarios sem trabalho a quem a Assistencia dá pensões se contam individuos *que teem no seu activo o melhor de 35, 20, 15 e 11 prisões por furto, desordem, vadiagem, etc., etc.*

Bem diz o *Mundo*, órgão do partido democratico, que aquillo da Assistencia Publica está sendo um escandalo, porque por lá se praticam as maiores immoralidades e os maiores abusos...

Ah!... perdão... o *Mundo* não diz isto... *dizia... dizia* no tempo da Monarchia.

Agora não diz nada.

Curiosidade

O *Intransigente*, a proposito de uma qualquer local em que a *Patria* se abespinhava por causa da amnistia aos presos politicos, declarou não desgostar de saber que riscos, correu o sr. Estevão de Vasconcellos no 28 de Janeiro e no 5 de Outubro.

Não nos consta que a *Patria* tenha satisfeito a curiosidade do *Intransigente*, e como estamos habilitados a dar informações sobre o assumpto, não vemos inconveniente em declarar que tanto em 28 de Janeiro como em 5 de Outubro, o sr. Estevão de Vasconcellos correu precisamente os mesmos riscos que n'esses dois dias correu o sr. João de Menezes.

Mas, perguntará o *Intransigente*, que riscos correu o sr. João de Menezes? que riscos correram os dois?

Ora essa!... correram os riscos de morrer... de susto.

E acha pouco?

Insinuações

A *Lucta* mostra-se muito indignada porque um jornal deu a entender, segundo parece, que as despesas feitas com as duas incursões da Galliza serviram para acobertar gastos injustificados.

Achamos muito justa a indignação da *Lucta*, e porque a achamos justa não temos o menor inconveniente em nos juntarmos com esse jornal para reclamarmos que se esmague a calumniosa insinuação d'esse jornal, publicando-se immediatamente a nota minuciosa de todas as despesas feitas com o serviço de espionagem na Galliza e em Madrid.

E' preciso confundir o jornal que tal insinuação fez e demonstrar, como a *Lucta* diz na mesma local, que a Republica não usa dos mesmos processos que a Monarchia.

Operações de thesouraria

O sr. João de Menezes affirmou na *Lucta* que no tempo da Monarchia se realisaram no Ministerio da Fazenda operações de thesouraria na importancia de mais de trinta mil contos, sem que houvessem sido documentadas.

Claro está que o sr. João de Menezes fez a affirmação e... passou a deante.

E' o seu costume.

Logo que se implantou a Republica, Sua Senhoria metteu-se nos ministerios a rebuscar, a farejar, a esquadrihar por todos os cantos, n'um phrenesim, a querer descobrir escandalos, maroteiras, ladroeiros, n'uma ancía de *fox-terrier*, esgravatando a terra, a farejar rato.

Depois vinha cá para fóra, ás tardes, a segredar pelas esquinas, cousas pavorosas, descobertas de escandalos tremendos, de ladroeiros infindas, e no dia seguinte, na *Lucta*, insinuava em duas linhas umas accusações vagas.

Depois... depois... calava-se e ia a outro ministerio a farejar mais, a espreitar por debaixo das mezas, a investigar por detraz dos armarios.

Mas o relatório das suas syndicancias nunca chegava a ser feito, ou se algum era elaborado, ficava dormindo, esquecido, no pó dos archivos, tantas eram as provas que n'elles havia... da profunda, da supina ignorancia do sr. João de Menezes, de todos os assumptos que syndicava.

Entre os funcionarios dos ministerios contam-se cousas divertidissimas a esse respeito.

Ora parece-nos que já é tempo do sr. João de Menezes deitar cá para fóra as provas de todas as suas accusações e de todas as suas insinuações.

E' tempo já de informar o paiz, d'uma forma definitiva, do que se apurou n'essas syndicancias: se os monarchicos praticaram realmente todos os escandalos que a *Lucta* lhes attribue, ou se o sr. João de Menezes andou todo aquelle tempo reme-

xendo papeis velhos, sem perceber nada do que elles tratavam, n'uma profunda, n'uma crassa ignorancia de todos os assumptos que syndicava.

E' preciso que isso se apure, e para começar queira o sr. João de Menezes dizer o que entende por documentação de operações de thesouraria e onde foi procurar os documentos que diz não existirem...

Verão os nossos leitores que o sr. João de Menezes não responde...

Opiniões varias

Com este titulo publica a *Lucta* a seguinte local:

« O sr. Theophilo Braga disse outro dia, n'uma entrevista, que reconhece a necessidade de reformar a instrução, mas que é impossivel fazel-o sem primeiro equilibrarmos o orçamento. Não pensava assim quando presidente do Governo Provisorio, pois sahiram com a sua assignatura todos os diplomas que reformaram a instrução. Com a sua assignatura e sem a sua correção, pois nem sequer os leu.»

Esta local da *Lucta* vem confirmar a affirmação feita em tempos por um jornal monarchico, de que o sr. Theophilo Braga, quando chefe do governo provisorio, tudo ignorava dos negocios do paiz.

E' a *Lucta* agora a confessal-o. Simplesmente, quando esse jornal monarchico o disse em tempos, toda a imprensa republicana vibrou indignada contra essa affronta ao grande Theophilo Braga.

Agora... ninguem protesta e apenas o sr. Theophilo Braga lá no seu gabinete terá dito com os seus botões:

— Descança, Camacho, que m'as pagará...

E paga... verão... que o sr. Theophilo não é melhor ou peor que o director da *Lucta*!...

Renda de casas

Local da *Lucta* a embaçar o contribuinte:

Muita gente ficou surpreendida com a noticia que hontem publicamos, dizendo que no fim deste ano acaba a contribuição de renda de casas.

Pois é verdade. Em 1913 já ninguem pagará essa contribuição. Isso não o dizem os reaccionarios, antes inventam que essa contribuição vae ser aumentada!

Está enganada a *Lucta*. Os reaccionarios não teem inconveniente algum em dizer, em berrar isso, por toda a parte.

Mas os reaccionarios desejam saber onde vae o governo buscar a compensação a essa diminuição de receita, e como já conhecem o que são e o que valem os sabios administradores republicanos, os reaccionarios, que são tambem contribuintes, que é uma das poucas cousas que os *liberaes* lhes não impedem de ser, levantem espavoridos as mãos ao ceu, porque, atraz d'esse mal da terminação da contribuição da renda de casa, avistam o fel d'um augmento de muitas outras contribuições.

E ainda mais. Os reaccionarios que tambem são inquilinos, e na sua sua enorme maioria, mais espavoridos ainda ficam com o lembrarem-se que da furia que para ahí anda contra os proprietarios é facil deduzir que á contribuição predial se irá buscar o que se perde na contribuição de renda de casa, e que portanto a compensal-o do desapparecimento da contribuição, lá virá para 1913 tambem o augmento na renda.

Isso é fatal, e podem os illustres governantes fazer o que quizerem que quem acaba sempre por pagar as favas... é o inquilino, por muitos motivos, entre os quaes não deve deixar-se de citar, o de serem senhores os que *todo lo mandan*.

E se a *Lucta* duvida faça uma lista dos que d'isto dispõem, e verá quantos são os inquilinos e quantos são os senhores.

Verá que o maior numero é de senhores, e por signal que não será difficil encontrar entre elles alguns que augmentaram as rendas das suas casas, n'estes ultimos dois annos, sem que contudo o *Mundo* contra elles erguesse... a penna, como tem feito contra senhores suspeitos de thalassismo.

Aproveitem-n'o

Com este titulo publicam as *Novidades* a seguinte local:

Uma mulher de Dijon deu á luz uma creança com duas cabeças e quatro braços.

Pois não é um bello exemplar para um futuro parlamentar portuguez?

Não é, não, senhor!... Para que o fosse era preciso que tivesse quatro bocas, duas barrigas e nenhuma cabeça, para o que seria naturalmente preciso ter as bocas n'outro logar.

No estomago, por exemplo, para ficarem mais perto.

A crise radical em França

A scena passada ha dias na comissão de reforma eleitoral do Senado com o interrogatorio do Presidente do Conselho, é daquellas que define e caracteriza a politica d'um regimen, e sobretudo a mentalidade daquelles que a incarnam. Durante mais d'uma hora Poincaré teve que responder a uma verdadeira *Sabbatina*: como é que vae ser votada a lei? Com que maioria conta? O que entende por maioria republicana? Como é que define um republicano da maioria? E assim successivamente. Nunca o impudor politico do jacobino se afirmou com tão formidavel desplante. A reforma eleitoral sobre a base de representação proporcional pôde, é certo, ser discutida, e é natural até que tenha por adversarios aquelles, que vêem nella o fim de sua tyrannia.

Mas os interesses mais fortes disfarçam-se nestas discussões sob a apparencia politica. Ainda nas interminaveis sessões em que a Camara dos Deputados tratou essa questão capital, se exigiu ao governo que definisse a sua orientação, as linhas geraes do projecto, a forma de garantir a revindicação essencial da representação das minorias, simplesmente suprimidas com o systema da maioria actualmente em vigor. Mas agora o Senado deitou a mascara abaixo e appareceu a conjura politica dos corredores contra um governo que procura, pouco e devagar é certo, mas procura reagir contra a desorganisação pavorosa, em que dez annos de maçonaria radical tem posto a grande nação, que é a França.

Fraca e dubia tem deveras sido muitas vezes esta reacção. A obra nefanda da lei de separação diariamente continua a sua acção demolidora; e por centenas se contam pelo paiz fora os edificios religiosos em ruina, ou ameaçando subverter-se sob as intemperies das estações. A maravilhosa florescencia d'arte que tão elevada ideia deixa por toda a França do seu grandioso passado está condemnada à ruina por imposição sacrilega das lojas. Um tal estado de coisas preocupa naturalmente todos aquelles, que, sem caracter algum religioso, se sentem ligados ainda ao passado de seu paiz. E pela bocca eloquente de Maurice Barrés, a voz desses francezes fazia-se ha dias ouvir na Camara dos Deputados, reclamando do Estado as providencias necessarias para remediar essa profanação do passado artistico da França, já que a lei nem permite que os particulares, com subscrições suas, a impeçam. A maioria votou a ordem do dia pura e simples, excluindo esse assumpto daquelles que interessavam a representação nacional, sobre uma phrase d'um dos mais conhecidos membros do grupo *Bouffandeau*, e que despertou a hilariedade dessa intelligente facção do radicalismo. «Se os padres não tiveram egrejas para dizer missa, poderão fazel-o no meio da rua!»

Como reagiu aqui o governo? Declarando o ministro do interior, Steeg, que não havia na lei maneira de remediar o mal, que Maurice Barrés apontava.

Em Chambéry, na Savoia franceza, houve este verão um Congresso de professores primarios, inaugurado e encerrado ao som da *Internacional*. Nelle se decidiu a participação dos syndicatos de professores, por intermedio das Bolsas do Tralhado, á obra do *Vintem do Soldado* (*Le sou du soldat*), e a sua affiliação á Confederação Geral do Trabalho (*C. G. T.*). Nem os mais fanaticos defensores da escola laica poderam impedir que, perante tamanho escandalo — o *Vintem do Soldado* é uma obra de propaganda antimilitarista, — o ministro da Instrução Publica, Guist'hau, guardasse o silencio. Mas em vez de demitir simplesmente os professores, que se serviam do seu logar de funcionarios do Estado para fazer propaganda, de tal natureza, contra esse mesmo Estado, o ministro que mandára dissolver os syndicatos de professores, enviava depois para os tribunaes os recalcitrantes.

O que se tem seguido dispensa commentarios. Primeiro foram os *amicables d'instituters* que deitaram manifesto, apregoando o pacifismo e consentindo no patriotismo como defeza do ideal republicano; depois é o secretario do syndicato de professores do Sena, Mr. Chalopin, que recusa dissolver-se e vae ao Havre presidir um congresso da *C. G. T.*; seguem-se os syndicatos de Marselha, Lyon, Augus, dissolvidos, que se reconstituem e adherem ao do Sena; e finalmente a Federação das associações de funcionarios solidarisase com os professores. E a revolta declarada dos funcionarios contra o Estado, é a hierarchia social abalada, combatida abertamente, negada revolucionariamente.

Como reage o governo? Mr. Guist'hau, reprehenheu dois ou tres dos chefes do movimento. Nem um só destes professores *sui-generis* foi demitido ainda. Mas ha mais: fallando em outubro passado, o ministro das finanças, Klootz, lembrava o que

o Estado tem feito por esses benemeritos da democracia: vencimento minimo elevado successivamente de 700 francos a 1.200, 2.000 e 2.200, mais de um milhar de milhões de francos gastos em quarenta annos em edificios escolares, onde o professor ou a professora tem alojamento gratuito; o orçamento do ministerio da instrução passando de dez milhões e meio a 227 milhões, etc. E para terminar estes sonnantes, o anuncio de que ao abrir da sessão o governo se preocuparia, desde logo, com a melhoria da situação do professorado.

E assim foi; no 1.º dia de sessão, Mr. Guist'hau mandou para a meza, com o projecto de lei já annual de *defeza laica*, outro em que se augmentavam os vencimentos ao professorado, em quarenta milhões de francos por anno.

Na ha duvida de que a resposta dos professores foi prodigiosa: o syndicato enviou dois dos seus membros, tendo o cuidado de escolher precisamente os que tinham sido reprehendidos pelo governo, para declarar á comissão de instrução da Camara dos Deputados, que não aceitavam os quarenta milhões de augmento, mas reclamavam cento e vinte milhões! *Bagatella! Bagatella* como se canta no Barbeiro!!

E como se não bastasse, o proprio Presidente do Conselho, sente a necessidade de explicar a attitudé do governo e declara, no banquete Mascurand, que se tinha usado da *maior benevolencia* para com as faltas individuaes, e Mr. Klootz afirma que dentro de um anno a laicisação da escola estará concluida.

Será tambem reacção esta capitulação de um governo, que assumiu o poder dizendo que *queria governar*, perante os seus funcionarios revoltados e sobretudo esta subserviencia absoluta perante a intolerancia sectaria da maioria parlamentar?

Tal era a situação a que ha dois dias na Camara, o antigo ministro da guerra radical-socialista, Mr. Messimy, trouxe um elemento novo. Entendia, dizia elle, dever levantar a sua voz contra a affiliação do professorado ao *Vintem do Soldado* obra de propaganda anti-patriotica e anti-militar. E perante o pasmo da assembleia e apezar das interrupções constantes dos seus antigos partidarios, o antigo ministro afirmava que no anno passado, durante a crise que ameaçou levar a França ás fronteiras para defender a sua existencia como nação, o governo se vira obrigado a tomar medidas sérias para evitar a *sabotage* da mobilisação! Que em *dezeses* regimentos se encontrára a organização de *sabotage* completamente preparada, havendo n'esses regimentos focos activos de anti militarismo; que o numero de desertores e refractarios que era em 1900, de 5.900, a partir dessa data, em que se fundou o *Vintem do Soldado*, sóbe sempre; é o triplo em 1904; são 63.000 em 1909; 70.000 em 1910; 80.000 em 1911. Tres corpos d'exercito! Em muita mochila de soldado se tem encontrado o *manual* publicado por essa organização, «verdadeiro compendio de deserção e cobardia, e do qual o menos que se pôde dizer é que deshonra a lingua franceza!»

Como as interpellações só tem logar á sexta-feira, só para a semana teremos a continuação da discussão. Mas é escusado fazer notar a repercussão que as afirmações de Messimy estão tendo no paiz inteiro, que, elle sim, está cada vez mais reagindo, contra a fórmula como *é governado*.

O actual ministro da guerra Millerand, tem com um elevado sentimento do seu dever, procurado remediar os males que a administração combista, e que elle proprio classificou de *regimen abjecto*, causára ao exercito. A reconstituição da sua unidade moral, o levantar do seu prestigio, tem-lhe merecido cuidadosa atenção, como desde logo acabára com o regimen das fichas e da delação hoje symbolisado no general André. Muito se tem deveras reagido no ministerio da Guerra. Mas muito mais falta fazer. Fraquissima é neste momento a situação em effectivos do exercito francez. Ao passo que a Alemanha tem procurado por todas as formas atenuar os inconvenientes do serviço de dois annos, inconvenientes que a superabundancia da sua natalidade já de si diminuem, ao passo que as leis votadas este anno lhe dão um verdadeiro exercito permanente de *professionaes* com o effectivo prodigioso de 700.000 homens, a França vê-se obrigada a lançar mão de palliativos já condemnados por muita experiencia: a querer ir buscar na occasião da mobilisação, por exemplo, onze classes de reservistas em vez das seis mais novas. E então vem o palavriado tambem já sabido: a experiencia das ultimas manobras, a solidez das reservas, admiravelmente treinadas, fortemente enquadradas, tropas de primeira ordem. Entretanto, se a guerra surge repentina e rapida entre outubro e março, depois de liberada a classe, quando ainda não estão mobilisaveis os recrutas, encontra as tropas de cobertura com 75 homens por companhia, 80 por esquadrao, 50 por bateria! Que esforço se poderá exigir a effectivos desses, constituindo dezaseis regimentos d'infantaria, trinta e duas baterias e nove regi-

mentos de cavallaria, estendidos desde Nancy a Mezières? Que ameaça não representa esta deficiencia para a mobilisação, cuja *sabotage* se encontra preparada, como um antigo ministro da guerra o declarou, e bem alto!

Porque não *reage* o governo contra uma situação d'esta ordem? Porque não acode já a tão imminente perigo nacional?

Porque a lei dos syndicatos operarios ou de trabalhadores é um dos aliceres do edificio radical; porque a lei da separação é outra intangível; porque a lei do serviço de dois annos é outra pedra basilar; mas nenhuma d'estas leis corresponde, é certo, a uma necessidade nacional, defende ou protege um interesse do paiz. Pelo contrario, a lei dos syndicatos permite organizar a revolução sem peias; a da separação, separou e dividiu os francezes entre si; é o ataque directo mais formidavel á Unidade Nacional; finalmente a lei do serviço de dois annos, que a nossa monarchia logo se apressára de copiar, é em França como entre nós uma *baboseira democratica* que nenhum profissional pode defender. Mas tudo isto, toda esta legislação é a *politica do partido*, e o Governo do Mr. Poincaré pôde querer governar é certo, mas não o deixam ir contra a politica do partido.

Nem elle o poderia fazer.

Paris, 1 de Dezembro de 1912.

— AYRES DE ORNELLAS.

Como triumpham as revoluções

A Guarda Municipal no 5 d'Outubro

Entrevista com o capitão Remedios da Fonseca, commandante da 2.ª companhia de Infantaria.

Um professor de Economia Politica, num Instituto Superior, abria invariavelmente o estudo do Imposto por esta sentença:

— «O Imposto em Roma, meus senhores, começou por não existir».

Esse cathedraico, chamado a professar historia contemporanea portugueza, ao occupar-se da insurreição de outubro de 1910, dietaria aos seus alumnos:

— «A revolução em Lisboa, meus senhores, começou por não existir».

O cathedraico seria, como sempre, pittoresco.

O curso riria, as sebtentas valeriam um dinheirão, e niguem exigiria mais do mes-traço.

Com o historiador ser-se-hia mais severo, e este, mais rigoroso, analysando os 4 ou 5 momentos criticos, — quatro ou cinco pelo menos —, em que os revolucionarios e a revolução de outubro estiveram completamente perdidos, exclamará:

— «A revolução e os revolucionarios de 5 d'outubro, meus senhores, começou por estar completamente suffocada. Uma somma de acasos, de coincidencias, ou de descoincidencias, prestou-lhes um alento com que os propagandistas nunca decerto contaram. Os acontecimentos tem a sua parcella de fatalidade, força que, nem por ignota, deixa de ser a unica fórmula por que são inevitaveis as desgraças».

E ás suas preleções, sobre o 5 d'outubro, poderia dar em fleugmatica linguagem este titulo synthetico e justiceiro: *Como triumpham as revoluções*.

Ao punhado de episodios, que hoje temos para contar, pela voz do capitão Remedios da Fonseca, poderíamos rigorosamente chamar: *Como vingou o 5 d'outubro*.

O que ha ahi chéga para explicar e fazer vingar o 5 d'outubro.

Se ha outras fórmulas, mais dramaticas de fazer triumphar revoluções, esta que ao 5 de outubro emprestou o triumpho, é um processo já experimentado, a accrescentar — não aos mil é um processos de cosinhar o coelho —, mas ás fórmulas como triumpham as revoluções.

O coronel Malaquias

No dia 4 de outubro ninguem acreditava que fosse assim que ellas — ellas, victorias — succedessem. O capitão Remedios da Fonseca, que continuava á frente da 2.ª companhia de infantaria da Guarda Municipal, estacionada em S. Roque, recebia boatos optimistas.

— Mas ao principio da tarde, conta o capitão Remedios da Fonseca, continuando a sua entrevista, appareceu o Fontoura, 1.º tenente da Armada, e director do Lyceu do Carmo, desilludindo completamente, afirmando que não vinha artilharia 3 nem coisa nenhuma. Corriam varios boatos, que era preciso averiguar. Mandei vestir á paisana o ajudante do rancheiro e um soldado, para fazerem serviço de policia junto dos revoltosos da Rotunda. Entre-

tanto chegaram varios individuos optimistas, a quem o Fontoura destruiu as illusões. Eu fornecia todo este contraditorio noticiario ao Quartel do Carmo, pelo telephone da empreza de carruagens, e pedia novas instruções, fazendo notar que estavam a chegar muitos feridos ao Posto da Misericórdia, que eu ali nada fazia, podendo ser abafado, visto como toda a parte alta da cidade estava desguarnecida. O coronel Malaquias respondeu-me:

— «Não se incomode! deixe-se estar, que está tudo em bom caminho».

— As 7 horas, fui rendido por uma força de alferes com uns 12 cavallos, recebendo em ordem para marchar a tomar posição no largo, em frente á caixa Geral dss Depósitos, porque dizia a ordem, a Marinha tinha desembarcado e seguia pela Calçada do Combro, direita á parte alta da cidade. Que me aguentasse, e, se não podesse resistir, fosse retirando sobre o Quartel do Carmo.

— E voltou para a Calçada do Combro?

— Voltei mais momentos depois de haver tomado posições, junto á Caixa Geral, deram-me ordem de unir ao Carmo. Chegado ao Quartel do Carmo, apresentei-me com a companhia no claustro; o coronel Malaquias de Lemos assomou a uma janella; eu apresentei-lhe a companhia, e d'ali mesmo, manifestei-lhe a minha grande contrariedade pelo que se estava passando, dizendo-lhe pouco mais ou menos: «Não sei o que se anda fazendo, mas o procedimento do nosso lado não corresponde sequer aos boatos do que se está passando no campo dos revoltosos».

— Em voz alta?

— Em voz alta, deante da força do meu commando, estando nós no claustro e o commandante Malaquias a uma janella.

— E que respondeu o commandante das Guardas Municipaes?

Respondeu-me: «*Sim tem razão, mas não ha nada! Olhe, fique ahi com o Pereira, e entendam-se os dois para reforçar a companhia d'elle*». O Pereira era o capitão Arthur da Silva Pereira, commandante da 1.ª companhia aquartelada no Carmo, e que n'esse momento estacionava no Largo. Dividi a minha companhia, ficando a parte commandada pelo alferes Marques, com a força do tenente Rebello, postada n'uma das ruas que descem para o Chiado, e a outra fazendo frente á rua que vae ter ás escadinhas do Duque, ficando sob o commando directo do capitão Silva Pereira. Quando chegou o coronel Alfredo de Albuquerque, foi-me requisitada uma força para apoiar lanceiros 2, em S. Pedro d'Alcantara. Destaqui um pelotão, composto de metade da força que lá tinha. Foram talvez umas 30 praças, commandadas pelo alferes Marques, com outros mais da companhia do capitão Silva Pereira. Essa força ia-a levando o diabo!

— As granadas que toda a noite choveram em S. Pedro d'Alcantara?

— Antes de estar em S. Pedro d'Alcantara. Quando essa força se aproximava do Largo de S. Roque, atiraram á cauda do pelotão com umas bombas, das trazeiras dum predio. Dizem que viram um homem correndo n'um telhado. O que valeu foi ser na cauda! Ninguem ficou ferido. Houve um bocado de panico, vieram umas praças ter ao Carmo, mas eu metti-as debaixo de forma, disse-lhes umas coisas, mandei-as apresentar, e os homens lá foram.

— E em S. Pedro d'Alcantara a sua companhia não perdeu gente?

— Em S. Pedro d'Alcantara deu-se um episodio curioso, que mais uma vez prova que o casamento e a mortalha no céu se talha. O capitão Silva Pereira foi lá ver como aquillo corria. Ora o meu impedido que era «cerra-filas» do impedido do capitão Silva Pereira, puxou o impedido d'elle para a fila de traz, e empurrou para a fila da frente o meu impedido. Veio uma granada, bateu n'uma cornija, e foi matar o impedido do capitão Silva Pereira.

— Acasos!... E a força, apesar das granadas...

— Ficou a pé firme até que, dia claro, a mandaram retirar. Durante essa noite, no Carmo rebentou uma ordem que nós trocariamos bem por uma descarga do inimigo: seria meia-noite, o Carmo transmittia aos commandos das forças d'ali ao pé que se chegasse o snr. Visconde da Ribeira Brava, com um salvo-conduto do Quartel General, se deixasse passar, porque ia ter uma conferencia com o commandante da divisão, para *vér se se acabava com aquillo!* D'ahi a bocado, era esta ordem confirmada pelo tenente Maia Magalhães que, a cavallo, appareceu no Carmo.

— E o snr. Ribeira Brava appareceu?

— Não, senhor. Lá porquê não sei; que a Guarda Municipal recebeu aviso de que o snr. Ribeira Brava tinha um salvo-conduto para ir ao Quartel General conferenciar, isso sei eu, porque me foi transmittido tambem esse aviso. E não foi o unico que andou a serandar pelas ruas. N'essa noite de 4, ahi entre as 8 e 9 horas da noite, foi o snr. José d'Alpoim ao Carmo, e andou vendo a disposição das forças do Carmo e Rocio.

— E qual era o seu estado de espirito e o dos seus camaradas?

—A' 1 hora e tanto, talvez 2 horas da noite, já bastante irritado disse para o Rebello: *Nós vamos mandar saber o que ha e se isto continúa indagamos onde está o Couceiro, e juntamo-nos a elle*. Mandei realmente saber por um dos meus homens o que se passava. Passado muito tempo, uma hora talvez, o homem voltou dizendo que constava que artilharia 3 chegára e que com as forças de infantaria, distribuídas pela Graça, resolveriam a situação, começando por bombardear a Rodunda, ao romper da manhã.

—Desistiu, por isso, de se juntar ao Couceiro?

—Desisti, esperando muito crente o resultado, e só mais tarde reconheci que era um boato falso, deprehendendo então que era a peça do Thorel (do Couceiro) que gerava a confusão da chegada de artilharia 3.

O fim

—O capitão Remedios da Fonseca conservou-se no Carmo até ao dia 5?

—Infelizmente, porque escusava de presenciar a scena final: pela manhã, a certa altura, á noticia de que se aproximavam forças revoltosas para atacar o Carmo, o commandante deu ordem para retirar para dentro do quartel; e, não obstante se terem previamente destinado os logares para as diferentes forças ali concentradas—1.ª, 2.ª e 5.ª companhias de Infantaria da Guarda Municipal, Lanceiros 2. e 0.º e 4.º esquadrões da Guarda—, quando se dispunham a tomar essas posições, já debaixo do tiro exterior, foi recebida ordem em pessoa, do coronel Malaquias de Lemos, para mandar ensarilhar armas e não se dar um tiro. Elle mesmo mandou tocar a cessar fogo, pelo corneteiro da minha companhia.

—E os soldados da guarda?

—Os soldados da guarda choravam como creanças, dizendo-me alguns: *«Então meu capitão, nós temos isto aqui (e batiam nas cartucheiras) estão-nos a fazer fogo, e nós havemos de ficar de braços cruzados?!...»* Custou-me a contê-los. E, quando no dia seguinte, souberam que eu queria sair da Guarda, uma porção de cabos, em nome das praças, foram declarar-me que, se eu sahisse, elles iriam para onde eu fosse. Vendo o disparate que isto podia dar, fui acima, falei-lhes, e prometi que estaria mais alguns dias na Guarda. Socegaram, então, mas nunca se conformaram. Eu é que lhes expliquei que nós não tínhamos a menor responsabilidade naquella desfecho, que alguém a tinha mas não nós.

JOAQUIM LEITÃO

ALVARO PINHEIRO CHAGAS (Anselmo)

NOTAS D'UM LISBOETA

2 bellos volumes

Preço 1\$200 reis

À venda nas principaes livrarias

Combinação conjugal

Já é banalidade dizer-se que os americanos são gente muito pratica. Mas apesar de banalidade vale apenas repeti-la para narrar este caso absolutamente authenticamente contado pelo *New-York Herald* n'um dos seus ultimos numeros.

Sir John Kennety divorciou-se ha tempos, sob um pretexto qualquer, para casar com uma gentil professora de piano, miss Katie Asvith.

Sucedeu porem que a nova esposa, se era uma admiravel artista e uma linda mulher, era tambem uma detestavel dona de casa, e não percebia absolutamente nada da cosinha.

Ora Sir John Kennety, que fora sempre um fino gastrónomo, ao notar a incompetencia de sua gentil esposa em materia culinaria recordou, com certa saudade ou certa amargura, os talentos n'essa materia de sua primeira mulher que, a esse tempo falta de recursos, fora servir para uma casa como cozinheira.

Que fazer? Divorciar-se novamente e voltar á primeira esposa, perdendo, para satisfação do seu estomago, os encantos do seu coração?

Não... isso não. E então Sir John Kennety resolveu da seguinte forma a difficuldade:

Depois de ter conferenciado com a actual mistress Kennety foi ter com a antiga e offereceu-lhe um elevado ordenado, se ella consentisse em sair da casa onde estava e em ir para casa d'elle como cozinheira. A antiga mistress Kennety vendo no caso um bom negocio accetou, e hoje sir John Kennety vive feliz, saboreando os piteus da sua primeira mulher... sem que para isso tivesse que deixar de saborear os encantos da segunda.

Que maganão!

A Caminho de Constantinopla

II

Quando o exercito bulgaro vencia em Lula-Burgas, contava 23 dias de campanha, durante os quaes as marchas e os combates se tinham succedido sem interrupção. O admiravel segredo ordenado e mantido pelo Commando em Chefe, e que tem sido um dos elementos principaes dos seus successos, faz com que ainda hoje se ignore a ordem de *batalha* das forças em operações, sabendo-se apenas que o 1.º exercito viera formar na extrema direita do 3.º para a grande batalha. A falta de cavallaria, pois parece haver só duas divisões na frente desses dois exercitos, a fadiga das tropas apesar da sua soberba resistencia, serão razões que expliquem não ter o commando bulgaro tirado da situação o partido, que ha dias toda a Europa esperava? Na realidade, o caminho para Constantinopla parecia aberto, e a orgulhosa ordem de marcha ditada pelo já celebre general Ratko Dimitrieff, commandante do 3.º exercito podia já ser tomada como o boletim do triumpho proximo. «O exercito inimigo retira sobre Constantinopla; o exercito bulgaro segue na sua perseguição com a direita no mar da Marmara e a esquerda no mar Negro...»

A breve trecho, os bulgaros estavam em frente das linhas de Tchataldja; começaram a anunciar-se alguns recontros, logo canhões d'artilharia, conquista das avançadas, emfim, todos os preliminares sabidos d'um ataque a linhas fortificadas e que não são torneaveis. Ia-se afirmando que os Turcos faziam dellas as suas Linhas de Torres Vedras. E logo surgia a noticia dos preliminares dum armistício, *officialmente* rotos já duas vezes: primeiro no dia 21 e agora outra vez a 26.

O que se teria passado?

Em Kirkilisse, os bulgaros tinham-se apoderado da cifra e da correspondencia de Mahmud Muktar Pacha, e se isto não bastasse para indicar o que tinha sido a retirada, vinham a conhecer a nenhuma confiança que o commandante turco tinha nas suas forças, pois pedia já á sua diplomacia que alcançasse quanto antes a intervenção das potencias, visto as suas tropas não estarem em estado de combater; outro tanto diziam as ordens de Abdullah Pacha, o commandante em chefe dos dois exercitos turcos de Leste.

Por seu lado, os correspondentes junto das tropas bulgaras pasmam da prodigiosa resistencia dos soldados, marchando em carreiras arrombadas ou por pistas intransitaveis, pelas chuvas torrencias da entrada do inverno atravez aquella Thracia tão accidentada, que em 5 seculos de dominio os Turcos apenas tinham atravessado com uma estrada macadamizada á europea. Pois os 20 e tantos kilometros que separam Strandja de Tchataldja foram andados pelo 3.º exercito n'uma só etapa, tendo as baterias que arrancar as peças puxando-as, cada uma, a dez parellas, e cincoenta homens!

Não julgamos pois que, militarmente, se possa por em duvida a possibilidade, e até a probabilidade, para um exercito em taes condições, de romper as linhas, vencendo a ultima resistencia turca. E tanto assim, que a Turquia começou por pedir a intervenção das Potencias, e na recusa destas é que pediu o armistício. Ora a 17, os bulgaros começaram o ataque das linhas, por um combate d'artilharia, que durara doze horas consecutivas; a sua superioridade de tiro e de manobra permitia-lhes repetir a tactica de Lula-Burgas, bater primeiro as reservas do adversario, desmoralizando essas forças e tornando-as inaptas ao ataque; depois concentraram o fogo sobre as obras das posições avançadas, que a infantaria vinha occupar na madrugada de segunda-feira, 18. Parecia outra vez imminente o ataque central, que com tanta certeza tinham empregado tambem em Lula Burgas. E roto o centro turco por Hademkin os dois fiancos das linhas estavam enfiados e aos musulmanos só restava... abalar para a Asia.

Porque no dia 19, abandonavam essas avançadas ao passo que, como condições do armistício figurava o abandono das linhas pelos Turcos, que deveriam ao mesmo tempo entregar alem de Monastir, onde os Servios entravam nessa data depois d'uma soberba victoria, Scutari, ainda não tomada pelos Montenegrinos, e Andrinopla onde o valor turco tem sabido honrar as suas antigas tradições?

Razões militares não as encontramos por ora para explicar a situação. Temos pois que ir ver o que está sendo a acção politica.

O facto capital, que tornou possível a guerra, foi a alliança do *hellenismo* com o *neo-slavismo*. Essa obra prima da politica e da diplomacia foi realisada pelo Tsar Fernando e pelo homem d'Estado que é o Presidente do Conselho na Grecia, Eleutherios Venizelos; desde que os Gre-

gos e os Bulgaros estão destinados pela Providencia a viverem ao lado uns dos outros, escrevia elle, ha annos já, no seu jornal *Kiriz*, não ha razão para que não tratem de se conhecer nem acabem por se alliar. E assim, naturalmente as ambições panhellenicas sobre a Macedonia se teriam restringido a Salonica, idealizando e levantando o hellenismo d'uma mera questão de raças á força intellectual da ideia, á grandeza da Grecia, origem e fonte de toda a civilização europea. Tambem Xerxes acampou na Acropole e as pedras immorredouras do Parthenon foram manchadas por Barbaros e Infleis! Ligada a costa do Pireu a Cholcidica, o circulo da raça Grega fecha nas ilhas do archipelago a acabar na Creta, o verdadeiro dominio do hellenismo.

A hegemonia dos outros alliados slavs cabe naturalmente á Bulgaria.

«Et par droit de conquête, et par droit de naissance!»

Longe bastante vão já os tempos de Stambuloff, collocando Fernando no Principado sob os auspícios de Bismarck e da Austria; grande tem sido o caminho percorrido; successiva e natural a aproximação da Russia, á medida que o desenvolvimento da Bulgaria tem ido creando o *neo-slavismo*. E' a sua ambição que constitue o fundo da questão actual; e consiste simplesmente em exercer uma atracção effizaz e pratica sobre os Slavs da Monarchia Imperial e Real Apostolica. São ambições pouco definidas, é certo quasi não isentas ainda, com o seu quê de revolucionario tambem; não fazem parte dos assumptos tratados nas chancellarias, mas dominam e subjugam tudo. E percebe-se agora como e porque a Austria, bate o pé, mobilisa, ameaça. O que representa uma federação da mesma nacionalidade, unida, compacta desde o mar Negro ao Adriatico, justamente orgulhosa pelo seu triumpho, confiante na sua força, segura do seu futuro ao lado da Monarchia dos Hapsburgo, com os seus 8 milhões d'allemaes, 11 milhões de magyares, e 22 milhões de slavs, alguns anexados hontem e contra vontade? Já nos estão respondendo as manifestações slavs por toda a Bosnia até Agram na Croacia, as aclamações dos Tchecos ás victorias bulgaras, a necessidade emfim de misturar allemaes e slavs nos regimentos, que parece estarem a mobilisar-se na fronteira da Gallicia. Não esqueça a Romania que já hoje declara apeteer a Transylvania. Sob a tutella allemã estava o Imperio turco, sob o dominio economico da Austria estava a peninsula baltica. Eis as razões, eis os perigos do conflicto travado em volta das negociações do armistício.

27-11-912.

AYRES DE ORNELLAS.

O CORREIO

Em Lisboa:—Vende-se na Agencia (Rua Antonio Maria Cardoso, 68 3.º) e em todas as tabacarias e kiosques.

Quanto mais prohibido, mais apetecido!

Perfeitamente adaptado este nosso velho proverbio á busca realisada, ha dias, n'esta cidade ás casas de Augusto de Magalhães e Magalhães & Moniz, em cata das *Chronicas do Exilio*, de Annibal Soares. A autoridade apprehendeu-as, é certo, sendo n'isso mais feliz que Costa Cabral com o *Especulo* e o Duque de Loulé com a *Lanterna*, mas não pensou no reclamo feito á brochura, tanto pelo facto mencionado, como pela chamada, á policia dos assignantes, cuja lista tambem encontrou, para inquirir das suas responsabilidades e das da Livraria.

Nós que ainda não fomos espicaçados pela curiosidade de ler essas *Chronicas*, não dascançamos em quanto as não obtivermos.

Pôde até o que n'ellas se diz ser muito aquem da nossa expectativa—mas fica satisfeita a nossa curiosidade! E nem por este acto de apurado farejo, o folheto deixará de entrar em Portugal, pois desde que os aeroplanos são uma realidade, o que se não pode fazer por terra, faz-se pelo ar!

E, para que o cidadão conheça quaes as suas relações intellectuaes para com o Estado, lembra-nos proper: Não seria melhor publicar mensalmente o Governo um *Boletim* do movimento litterario, indicando quaes os livros que a dentro de fronteiras são defezos á leitura e ao commercio de livraria, á maneira do *Boletim Commercial* e do *Boletim da Propriedade Industrial*?

Assim, já não accudia tantas vezes aos labios a incisiva frase de M.^{mo} Rolland, perante o tribunal revolucionario!

JOAQUIM LEITÃO

O DIARIO DOS VENCIDOS

1 VOLUME DE 200 PAGINAS

À venda nas principaes livrarias

CHRONICA

da Vida Nacional

Desejariamos as boas festas do Natal, segundo a tradição religiosa e os vinculos da familia a todos os nossos leitores. Muitos porem jazem nas masmorras, d'onde não pode aproximar-se a familia, n'esses dias de festa e de alegria, para cuja solemnização os auzentos se juntavam á mesma meza, se cingiam no mesmo affectuoso abraço. Vinham de longe, davam tregoa d'alguns dias á labuta da vida, para se entregarem ao prazer expandidor de gozarem os carinhos, de se expandirem em manifestações de alegria saudoza, de beijarem faces em que dia a dia, ou a formosura desabrochava em encantos, ou a idade se enrugava, em vincos de dôres, e de desganhos.

Se a ausencia, de todo em todo, era impossivel de se transpôr, e havia ao menos a certeza de que os entes queridos gozavam saude, liberdade e alegria, não corriam lagrimas nas horas da festa, substituindo-as o doce sentimento da saudade, que atravez as longas distancias mais vincula os elos que prendem corações a corações e almas a almas.

Mas quando no lar não pode assentar-se o que a fatalidade da sorte ou o capricho dos homens atira para as trevas d'uma carcere, em que a luz só entra coada por ferros e os raios do sol mal se filtram atravez as massigas e seculares paredes, não pode haver alegria, nem nos que perderam a liberdade, nem nos que passam os dias, sempre com o pensamento atrahindo para os que por elles suspiram.

Festa que era de alegrias, para tantos se transformou em desespero e em ódios! Para os que a religião guia e ampara há ainda um refrigerio—o da esperança em dias mais felizes, que sequem as lágrimas e façam despontar nos labios o sorriso, como borbulham nas plantas as flores e as folhas, depois d'esse intervallo desolador, em que a nudez da terra cada dia se torna mais melancólica e triste.

Para os que se libertaram das creanças em que foram embalados e das lendas simples e ingenuas, architectadas pela imaginação nos nossos avós, a festa da familia, na frialdade official de calendario civil, perde tambem o significado que lhe deu o positivismo, pois no momento em que tentem sorrir-se e acarinhar os membros dispersos, hão de indubitalmente lembrar-se dos que a essa hora choram, sabendo-lhes a triaga as ignaria, do banquete festivo e escaldando-lhes a garganta, como se fóra um corrozivo, a taça de Champagne, com que brindarem á saude e á felicidade d'aquelles a quem tanto querem.

Um gesto, apenas de nobreza de intuitos e de elevação de pensamento, poderia alegrar todos esses rostos e ungrir de balsamo refrigerante todos esses corações. Tal impulso, ao mesmo tempo que cicatriza as feridas do amor da familia, tornar-se-hia d'um salutar alcance para minorar os males da patria, que tanto mais se engrandece quantos menos odios e luctas desagregarem a unidade, em que devem concentrar-se todas as suas forças.

Mas se a alegria e a tranqullidade não illuminam todos esses rostos contrahidos—o sobresalto e a dôr accentuados por tão forçada ausencia, teem o condão de ainda mais apertar o vinculo da familia, e d'ahi tornaram mais intenso o culto pela Patria. Quanto mais se sofre por um ideal, quanto mais nol-o querem desvanecer da memoria, mais elle se nos enraiza no coração, de maior brilho é a auréola a circundar a fronte dos que por elle se estiolam nas gemonias; na historia de todos os opprimidos se lê esse capitulo, que principia nos alvôres da historia e vem até aos nossos dias—proclamado agora entusiasticamente nos valles dos Balkans, por aquelles que, durante quatro seculos foram o ludíbrio dos conquistadores audazes do século xv. N'estas saudades, que tantas almas pungem; n'estas dôres que tantos corações alancêam; n'esse soffrimento que tantos peitos agita, podem ainda retemperar-se os elos d'essa cadeia que prende o homem á familia e a familia á patria:—abençoada seja pois essa ironia do destino, que tantas vezes transforma a dôr humana em alvoradas de luz—pedaços de carvão que convertidos em facetas de diamantes, teem o poder de luzir nas trevas, como luzem no firmamento as scintillações de Sirius!

ANTONIO LANÇA.

Todas as noivas de bom gosto encomendam os seus enxovaes

NO

ATELIER DE ROUPA BRANCA

M. d'Aguiar Leitão

20—Praça da Batalha—22

(À entrada da rua de S.º Ildfonso)

PORTO

Pathologia da Republica

Demagogite chronica

Quando, depois da *debacle* de 1870 em que o Imperio se subverteu, a Republica resurgiu em França como o *tertius gaudet* das contendas dynasticas, Thiers, então feito Chefe do Poder Executivo e que, com o seu saber de historiador e a sua experiencia de velho estadista, conhecia o seu paiz como as proprias mãos, formulou n'uma phrase, que ficou celebre, o seu juizo sobre a orientação a dar á politica do novo regimen:—*La Republicque sera conservatrice ou elle ne sera pas.*

Era a terceira experiencia republicana que a França fazia em menos d'um seculo, e o historiador do Consulado e do Imperio, o astuto ministro de Luiz Philippe sabia muito bem porque é que as duas anteriores tinham falhado, acabando sob a mão de ferro do cesarismo, restaurador da Ordem.

E' que as Republicas de 93 e 48 tinham tido a minal-as, a corrol-as, a decompol-as, o virus mais terrível que pode infeccionar uma sociedade: a demagogia.

Esses dois grandes e expressivos exemplos estavam bem presentes ao espirito lucido, pratico e avesso á superstição das formulas, do homem que, n'esse momento critico da historia da França, foi para ella uma ancora salvadora de bom senso e de habilidade politica.

Foi por esse caminho prudente e seguro que a nova democracia enveredou. N'essa sua evolução, a França não cortou bruscamente com o passado, não alterou radicalmente as suas leis fundamentais, nem a sua estrutura social. Não atacou o capital, não ameaçou a propriedade, não rompeu com a Igreja, não illudiu o operariado com as promessas grosseiramente fallaciosas d'um *El Dorado*, subitamente trazido e garantido pela mutação de regimen.

Os homens que então governaram a França não se improvisaram entre os desvairados e indiscretos tribunos dos comícios. Eram homens do passado, muitos d'elles recrutados na aristocracia, como a Broglie, os Descazes, os Mac-Mahon, os Pasquier.

O radicalismo de Clemenceau, o laicismo de Combes e Briand, todo esse movimento para a esquerda, que mais tarde se pronunciou, e a que o actual grande ministerio de Poincaré busca temperar os impetus excessivos, não foram da primeira hora da Republica. Esta, nos seus inícios, segundo o conselho de Thiers, foi franca e abertamente conservadora.

Por isso de equilibrou, por isso de consolidou, por isso se tem mantido ha já quarenta e dois annos, por isso ella tem vivido em paz com as monarchias europeias, aliada da Russia ainda mesmo no tempo da autocracia, em excellente entente com a Inglaterra, cordealmente reconciliada com a Italia, accomodada outra vez com Hespanha, depois da passageira nuvem de Marrocos.

Este elucidativo exemplo da França, contraprovado ainda com o da Hespanha em 1873, devia ter convencido os republicanos portugueses de que uma Republica, em Portugal, ou havia de ser conservadora ou não seria um regimen viavel.

A lição da historia era sem replica. Os radicalismos intempestivos e prematuros levam fatalmente á demagogia. E nunca, pelo menos na Europa contemporanea, uma Republica affectada de demagogia conseguiu vingar e consolidar-se.

A demagogia é, de sua natureza, inorganica anti-social. Não é um regimen com condições de vida: é a doença d'um regimen, porque é a degenerescencia da Democracia.

Ora a Republica portugueza foi demagogica de nascença, demagogica já no seu estado embryonario. Para apparentarem força e apoio na opinião, para pôrem em scena a comedia da popularidade, para darem a impressão de que tinham atraz de si massas compactas, um grande partido nacional, o paiz inteiro prestes a fazer a revolução ao minimo gesto dos chefes—estes recrutaram nas classes baixas, e entre os seus peiores, mais inconscientes, incultos e pervertidos elementos, uma vasta e tumultuaria comparsaria, que rugia coleras sob o estímulo das suas diatribes grosseiras, desbragadas e que elles acaulavam contra a autoridade, a disciplina hierarchica, a ordem, a religião, o capital, a propriedade, a harmonia das classes, numa pavorosa obra de destruição de todos os nexos e forças sociaes.

Que admira que, lançado á terra este grão, d'elle nascessem toda essa indisciplina, essa desordem, essa anarchia, em que a Republica se dissolve contra que os seus governos, uns após outros, se mostram impotentes e que a eivou d'essa

demagogite chronica que todos, até os proprios republicanos sensatos, veem com pavor augmentar, dia a dia, em extensão e intensidade?

O mal era previsto. E quem devidamente apreciasse os methodos de propaganda e de preparação revolucionaria dos republicanos portuguezes, no tempo da Monarchia, facilmente se capacitava de que a demagogia seria uma inevitavel fatalidade para a Republica que sahisse de semelhante movimento.

Fatalidade inevitavel e, já agora, molestia incuravel tambem. E' que a demagogia, n'esta desvairada republica, que causa terror a muitos republicanos, deixou de ser uma effervescencia passageira das paixões populares, para se tornar no interesse d'uma oligarchia jacobina, que a revolução creou como o instrumento preciso aos seus fins. Ser demagogo é, em Portugal, uma verdadeira profissão—e rendosa, dizem. Supprimiu-se a lista civil da Familia Real. Mas uma outra Familia privilegiada se instituiu, dentro da politica portugueza, infinitamente mais vasta, mais exigente, mais dispendiosa do que a outra. Essa Familia magestática é a Carbonaria, senhora unica, absoluta, autocratica, dos destinos do paiz, da liberdade e da vida de todos os cidadãos portuguezes.

Para aniquilar esta força, que a Republica bem sente que lhe será fatal, era preciso que ella tivesse um ponto de apoio nas classes conservadoras. Mas como, se, desde o principio, essas classes foram tidas como inimigas da Republica, foram ameaçadas e feridas nos seus interesses legitimos, nos seus direitos, nas suas garantias, nas suas convicções, nas suas crenças? Como, se ellas foram quasi postas fóra da lei, perseguidas, esbulhadas do que lhes pertencia, presas, insultadas, cuspidas, agredidas a páo e pedra, condemnadas por tribunaes d'excepção, como uma raça maldita da qual se jurou o exterminio?

A republica acha-se, pois, só com a demagogia que creou e de que não se liberta. Ella aperta-a nos seus laços, nos seus nós, comprime-a, soffoca-a, estrangula-a, como a serpente enroscada no torso de Laocoon e dos filhos. E, contudo, ella é a sua unica força, o seu unico apoio, o seu unico elemento politico! Se o perde, extingue-se, como a luz a que falta o oleo. Mas, como a demagogia acaba por matar sempre o regimen que contamina, a Republica chegou a esta paradoxal, mas verdadeira situação: só pode viver com a força... que lhe ha de dar a morte.

E, assim, não será sem fundamento, e bem seguro, que, paraphraseando o dito de Thiers, se affirme, d'esta nossa Republica, *qu'elle sera demagogique... ou qu'elle ne sera pas.*

DOUTOR THALASSA.

■ ■

Quem é Pierre Laffitte

As officinas do «Excelsior»

As publicações de Pierre Laffitte. O seu dia

La longe a minha primeira visita á redacção do *Excelsior*. Agora já subia ao segundo andar, sem que o porteiro se apressasse a abrir-me a porta do ascensor. Passava do salão ao gabinete do redactor chefe da informação; a formalidade de preencher o nome do visitante, o nome do redactor procurado, o objecto da visita no papelinho azul, com que os jornaes parisienses se defendem dos importunos, era-me tambem dispensada. Como a marcha das relações com uma familia, em que se começa pela sala das visitas e se acaba por ser admittido na cosinha,—no seio d'essa numerosa familia jornalística, o salão foi ficando sepultado na esquecida cerimonia dos primeiros dias, até que uma noite me convidaram a visitar as officinas—á cosinha do *Excelsior*.

Fui com o appetite aguçado de um gastronomo, que aneasse por penetrar o humbral da forja, onde lhe houvessem co-sinhado a sua *omelette* ou a sua empada predilectas. O *Excelsior*, com as suas 10 paginas atochadas de gravuras, os seus titulos todos alinhados no alto da columna, como as pernas isochronas d'um batalhão prussiano, devia ser, cuidava eu, co-sinhado n'um laboratorio consideravel, com panelões referendo um *vacarme*, qualquer coisa como uma sucursal do inferno, onde sobre um lume cosmico estivesse sempre em cachão a chaleira dos mundiaes successos.

Fiquei desapontado!

Na composição, apenas o o estalido sêcco de doze linotypos, disparando as suas teclas com o quasi ingenuo fragôr d'um gatilho da espingarda de creança, e doze homens socegradamente assentados nos seus altos bancos de bar americano.

Para cá uma *pupitre* que resguarda uma fila de revisores. E, sobre uns cavalêtes e mezas zincadas, as paginas do monstro vão-se espaçando, abertas, como grandes peixes escorchados n'um marmore de mercado.

Acompanhava eu o esforço diabolico que um redactor fazia para contrahir o titulo d'uma columna, ás tres linhas legaes da estetica do quotidiano, quando uma voz, que interpellava e ordenava, me fez notar um janota de chapéu alto o sobre, tudo cintoado. Era uma voz que não gritava, mas que fallava tanto e tão depressa—que o seu susurro luctava com as punhadas que o paginador estava dando para tirar uma prova,—primitivo e universal processo de tirar provas que até em Paris ha-de ser eterno, enquanto houver um typographo e um jornalista, com pressa de ir para casa.

—E' o seu redactor mundano, não é? perguntei, convencido de que ia assombrar o meu collega com esta psychologia de profissional, farto de aturar redactores mundanos, que dão muito mais trabalho e teem muito mais caprichos do que as mundanas.

O meu amigo procurou em redor, pela officina.

—Qual?

—Aquelle rapaz que ali está, de bigode louro em escôva de dentes...

—Aquelle? Aquelle é o sr. Pierre Laffite.

—O Laffite?!

Então e d'este modo me interessou esse rapaz de 30 e poucos annos, já quero quarenta, ainda sem rugas, o ar delicado de um valsista, que volta da opera e passa pela redacção amiga, a entregar um perfil de mulher, para a secção mundana.

Fazia esse genio da publicidade um homem de suissas brancas, com abdomen de logista, pesado no andar e nas resoluções, maneando a publicidade, e os milhões de francos e os milhões de exemplares dos seus *magazines*, com a ponderada vetutetz de um imperador maneando *dreadnoughts*.

Tinha ficado commigo mesmo, havia muito, em que Paris perdêra todo o imprevisito. Mas, com effeito, esta incarnação d'um todo-poderoso da publicidade, este popularizador do papel *couché*, que possui o *Je Sais Toat*, o *Theatre*, a *Femina*, o *Petit-Parisien*, o *Excelsior*, as *Edições Laffite* e o *Theatre Femina*, este jornalista americano da França assim incarnado no busto elegante d'um *Gentleman* e d'um *Gentleman* que não é calvo nem é barrigudo, confesso que me assombrou muito mais do que os tres taboleiros da *Torre Eiffel*, a primeira vez que tive a honra de ser-lhes apresentado. E d'ahi nasceu em mim o desejo de entrevisitar esse homem, que é na verdade um *rei-da-publicidade*.

—Ah! mas quando quizer! Amanhã mesmo...—prometteu-me facilmente o redactor, a quem devo a minha introdução no palacio dos Campos Elyseos.

Não foi tão facil como isso, falar com Laffite.

Encontrei-o depois d'essa noite, quer n'um corredor da redacção, quer na composição, onde elle não deixa de ir ver paginar o seu quotidiano, mas d'ahi a obter que ao seu nervoso dia elle podesse juntar uns minutos para mim, foi toda uma semana de telephones, de «pneumaticos», de cartas, de annuncios e contra annuncios.

Laffite trabalha como um negro. N'elle só ha a accumulacão d'estas tres vidas: um banqueiro, um jornalista e um elegante. Qualquer d'essas tres sciencias chega para arrazar uma solida espinhal medula. Laffite accumula-as, e fresco como uma alfaca. O seu segredo? Methodo; não ha muitos dias, que elle dizia a um dos seus redactores:

—«Meu caro X... eu tenho toda a confiança no seu trabalho, mas precisa munir-se do methodo; sem methodo não chega a fazer coisa nenhuma!...»

Assim se explica que Pierre Laffite fosse, ha doze annos, um simples redactor sportivo do *Echo de Paris*, e hoje seja uma figura parisiense, mas uma figura parisiense, não só nos salões mas nos negocios.

A sua vida é um symbolo da vida nervosa, que o homem de dinheiro ou de gloria, ou de ambos os S. Graes contemporaneos, mas especialmente o intellectual, faz em Paris, n'este Paris que a Europa, e a America, imaginam um lago de delicias e que é afinal uma nóra de heroicos esforços.

Com Pierre Laffite, então, é mais difficil falar, do que com os soberanos.

Os seus proprios redactores, vivendo na mesma casa, tem de o espiar para lhe falar entre duas portas.

Um dia, porém elle mesmo me disse pelo telephone, ás quatro horas: «Hoje, infallivelmente ás 6 e meia».

JOAQUIM LEITÃO.

Abençoadas lagrimas!

O illustre doutor Liadhall, de Copenhague, veneravel como todos os sabios dos paizes do norte, acaba de fazer a descoberta de que as lagrimas são de admiraveis effeitos na cura das pneumonias, podendo por isso cada qual tratar-se d'ellas sem auxilio da pharmacia, em qualquer parte da terra, devendo até a admiravel locubração do sabio ser uma abundante fonte de receita nas margens do Nilo, se houver algum industrial que consiga aproveitar as dos crocodilos, que alli abundam, e que nas horas vagas choram... a falta de fellahs, que descuidosamente se vão banhar n'aquellas aguas sagradas.

Tem o novo medicamento um accentuado poder antiséptico. Destroe os microbios, ao mesmo tempo que allivia uma dôr, ou redime uma falta. Um remedio, conjunctamente moral e material.

Não nos diz o sabio se possuem as mesmas propriedades as verdadeiras e as fingidas—as que condensam as dôres (uma especie de H²O), e as que as imitam, para nos illudirem. Sendo verdadeiras—são o soffrimento para uns e o allivio para outros!

Trata agora o sabio de preparal-as para a venda, como extracto e como tintura.

Como producto derivado dos sentimentos, que agitam o coração humano, já não pode dizer-se que se derramem em vão—ao menos podemos aproveitall-as para as reduzir a numerario.

Os olhos das creaturas sensiveis, que facilmente se commovam, passam a ser inextimaveis, como alguns diamantes. Lindos olhos que eu conheço, como os invejo, não só por com o poder magnetico da sua retina fazerem olvidar dôres e architectar illusões, como por ao ver n'elles o pranto, poder beijar as faces avelludadas que elle calcina, sorvendo-as com a consciencia de alliviar as penas de quem as verta, e de sorver um producto salino, que me pode ser de incontreversos resultados therapeuticos.

Segundo o temperamento da pessoa, que as derrame, ellas serão mais ou menos adaptaveis a doenças passageiras, ou graves. Assim as de creança, de donzella, de esposa, de mãe, e de viuva—no primeiro, segundo, terceiro dia, com uma salinidade graduada e um poder oxidante mais ou menos forte; sendo portanto a historia d'uma grande dôr origem de tinturas graduadas para a cura d'uma enfermidade em todas as suas fazes, desde a fêbre a 40 graus, até aos ultimos dias da convalescência!

Que dos olhos, como fóco de vida moral, dependia o estado d'alma e de força de muita gente, já todos o sabemos, desde Adão; como laboratorio chimico, só a um sabio do Norte, no seculo xx, estava reservada a gloria da grande descoberta, que vae revolucionar a vida humana, simplificando-a e dando o commovente espectáculo de vermos, por ahí a cada passo um apaixonado, de joelhos aos pés da sua adorada, dizendo-lhe commovedoramente:

—Verte-me aqui na bôcca, meu anjo, algumas lagrimas, para me curarem d'uma pontada que hontem apanhei ao pé de ti, no Passos Manuel.

■ ■

Governe Masaniello!

No parlamento:

O snr. João de Freitas:

E' necessario que isto acabe por uma vez, pois que nem auctoridades nem corporações administrativas podem exercer a sua missão, coartadas na sua acção pela tyrannia das ruas que é a peor das tyrannias. Lamenta que haja quem defenda semelhantes excessos, contra os quaes protesta indignadamente.

O snr. Affonso Palla:

O povo é que fez a Republica, o povo é que governa, claro, devidamente orientado pelas auctoridades. Estas devem proceder de modo a não exarbar paixões que se transmudam em manifestações desordeiras. Protesta contra todos os excessos autocraticos.

Se chegarem a um accôrdo, e a rua ficar com a supremacia, devem recolher a penates os politicos em evidencia, que em 5 de Outubro não enfileiraram, ao lado dos proletarios, a cujo heroismo se deve substituição das antigas instituições.

Deve, então, entregar-se o Governo a Masaniello, que se não sabia ler, sabia pensar melhor que os nossos doutôres, e mesmo que os do seu tempo, em que a bôrla e o capello não pendiam dos hombros de qualquer aspirante a intellectual.

E olhem que muito teriam a lucrar, o paiz e os actuaes governantes, pois todos elles teem ainda immenso que aprender!

SEMANA MUNDANA

Família Real

O Imperador d'Austria, ao receber o Senhor D. Manuel II, na sua ultima visita á Austria, fazia-se acompanhar pelos dignitários militares e civis, ostentando o Imperador a banda das tres Ordens Portuguezas.

— A Senhora D. Amelia de Bragança recebeu no Palacio de Richmond o nosso amigo André Supardo.

Snr. Redactor:

Seria decerto vaidade pensar que a minha collaboração representaria para o seu High-life uma real utilidade; em todo o caso, como não quero pecar por excesso de modestia, deixe-me esperar que, entre a sua secção (é assim que se diz, não?) e o cesto de papeis velhos, a sua amabilidade se decidirá por conceder-me um lugar na primeira.

Graças á actual situação do meu Pae, tive a alegria, hontem, de pela primeira vez assistir a um jantar diplomatico, alegria tanto mais natural, quanto representava para mim, a bem dizer, o debut, tão ardentemente aneado, na vida da Sociedade.

Em primeiro lugar deixe-me dizer-lhe que tivemos, meu Pae e eu, a boa sorte de entrar, como se costuma dizer, *com o pé direito*, mostrando bem maior amabilidade e conhecimento do mundo (nós que *debutávamos*!) que os demais convidados aliás, quasi todos, com longa prática das festas d'outr'óra! E' assim que não só fomos os primeiros a chegar, como tivemos mesmo que esperar um bom pedaço, primeiro que os outros fizessem a sua entrada, á propria hora marcada, como se quizessem frizar que só a satisfação do apetite os levára a aceitar o convite! Triste!

Da requintada elegancia, do luxo (ainda que exageradamente severo) das duas salas, que vi, e da casa de jantar, pouco poderei dizer ás suas leitoras, de tal maneira uma atmospheria de conto das *Mil e uma noites* me tomou enquanto lá estive. Creados muito chics, de calção e meia e cabeça empoadas; as mesas—todas ellas uma festa de flores que pareciam guardar ainda, em cada folha, um pouco do lindo sonho, em que adormeciam, ao cair da tarde, quando as foram colher; e pairando em torno, como um perfume caro de verdadeiro chic, uma maneira delicada e frívola, absolutamente nova para mim, de abordar assumptos e factos.

O meu visinho da direita, um diplomata velho e sêco, não me interessou; demais, só fallava francez; mas o rapaz que me ficára á esquerda, um moço secretario de legação d'algum vago paiz do

norte, esse positivamente encantou-me. Ao principio, começou a encaminhar a conversa, quasi timidamente, para as festas a que assistira, havia alguns annos, da primeira vez que estivera em Portugal; mas quasi logo em seguida, depois de me olhar com attenção e sem que eu lhe tivesse dito a menor coisa, espraçou-se nas mais amaveis referencias á nossa Lisboa d'hoje, celebrando o céu e os crysantemos, o sol e as meninas portuguezas.

Era adoravel o que elle dizia e de sentir-me assim incensada, n'esta decoração de perfeita elegancia, de tal maneira me sinto feliz e alegre que, já absolutamente senhora de mim mesmo, tive a sensação, sempre adoravel para nós as mulheres, que estava desempenhando maravilhosamente o meu papel de rapariga da sociedade.

E de tal forma uma franca sympathia a meu favor se propagou em volta da mesa, que todos, todos me sorriram alegremente quando, em voz um pouco mais alta que de costume, disse uma banalidade qualquer, que nem me lembra, enquanto bebia dois góles (o meu Pae recommendára-me que provasse de tudo) d'uma bebida morna com rodellas de limão, servida em tijellas de vidro, e na qual o velho diplomata, distrahidamente metteu os dedos todos!

Em Madrid

Castellana abaixo, Castellana acima, n'isto passei a manhã de domingo desde a missa até ao almoço. Alguem me informara de que continuára a ser allí um rendez-vous elegantissimo. Fui e tornei a gostar, como se gosta sempre do espectáculo da vida, mocidade e do amor. Digo isto porque nunca vi tanta gente, tanta linda rapariga e tantos *novios* como no domingo passado na Castellana. Uns altos, outros baixos; magros uns, gordos outros, entusiasmados todos, lá vão Castellana abaixo, Castellana acima sob os olhares protectores de quem *lleva la cesta*. De todos elles só um par me prendeu a attenção; segui-os toda a manhã; não quiz, nem podia ouvir o que diziam; pareceu-me até que pouco falavam; mas os seus olhos perguntavam e respondiam; os seus olhos, os d'ella lindos, os d'elle cheios de amor por ella, *nunca poisam em ninguém*, como os da Margarida; vêem só, n'um sonho que se vae pouco a pouco approximando da realidade, todo o seu futuro, cheio de alegria, cheio de felicidade, sem uma nuvem que os possa entristecer; sorriem e fazem-me sorrir por os vêr assim tão felizes; n'uma volta encontrei-me de frente a elles; ella era linda, olhos negros, cabello preto, com um olhar meigo; devia fazel-o muito feliz. Um pequenito se acerca a elles e fitando a noiva que é linda, e os olhares de ambos, estende a mão e tirando a gorra diz-

de table, enquanto a tia, n'uma poltrona, cabeceava, com o *Tareco* enroscado sobre os joelhos.

Esse retrahimento da Chica ainda mais se accentuára com a partida das primas Pamplonas para a quinta de Torres Novas, de onde se tinham escapulado, para o estrangeiro, para Lourdes, fugidas ao terror da carbonaria, cuja acção temerosa se lhes revelára, ameaçadora, um dia em que, indo ellas para a missa, ao passarem pela mercearia, o marçano, um garotêto dos seus doze annos, lhes atirára, cuspinhando para o lado, um *Canastras!*... repleto de desprezo.

Ora quando a Chica *desapparece* da circulação, como dizia o estúpido do primo Noronha, a minha vida entrára n'um periodo de socêgo, que foi o unico tempo descansado que tive enquanto durou o meu namôro com o diacho da rapariga. Como ella não ia a parte alguma, fallavamos-nos ás nove e meia, dez horas, e ahí pela meia noite, meia noite e meia hora, já eu estava em casa, a metter-me na cama. Uma delicia!

Compreende-se pois o meu interesse em dissuadir a Chica da ida a S. Carlos. Eu bem previa que aquillo mais tarde ou mais cedo tinha que ser, e que mais dia, menos dia, recomçaria o meu sirandar por esse mundo de Christo, atraz da Chica e da tia, mas não julgava que o dia fatal chegasse tão cedo, e muito menos que chegasse pela mão do Lopes!... Maldito Lopes!...

E então juntava-se agora aquella historia de arranjar o bilhete... Como havia de arranjar-o?...

Lembrei-me do Neves, meu antigo condiscipulo. O Neves devia ser republicano... era com certeza, que elle já no collegio tinha a mania de chamar *ladrao* a toda a gente...

Fui ter com elle:

— Neves... preciso de um bilhete para a recita de gala.

O Neves, n'um gesto largo, estendeu-me logo um maço de bilhetes:

— Tira, menino, tira os que quizeres... Até me fazes favor...

A' noite, quando lhe fui fallar, disse-lhe ainda na esperanza de que ella tivesse mudado de ideias:

lhe: *Señorita, una limosna, por la señorita que es más guapa que la luna!* Soube levar a agua ao seu moinho; apañhou 2 reales.

Perfil

Tem o nome da Virgem Santissima. Soberanamente formosa e elegante, o cabello emoldurando um rosto de feições mimosas e finas. Ella causa admiração nos bailes e reuniões.

A sua fina educação e espirito culto, aliando-se á sua belleza, a tornam digna da veneração de todos.

Pouco tempo illumina os salões d'inverno, do Porto, porque cedo recolhe á sua quinta, e tarde regressa d'ella...

No verão brilha n'uma das nossas praias mais distinctas.

Photographando

A' recepção semanal da D. Felisbella Pires, assistiam as *beldades* que se julgavam *superiores* em riqueza, elegancia, belleza e... democracia, para poderem substituir aquellas donzellas, que annos antes, com inveja, ellas viam seguir nos seus esplendidos *autos* para S. Carlos, ou para as recepções diplomaticas... e que suppunham ir agora *brilhar* no S. Carlos, como *brilhavam* naquelle tempo no theatro da R. dos Condes...

Os seus vestidos ricos, sem gosto, misturavam-se com as berrantes fardas, de varios tons, dos officiaes, e as suas conversas versavam sobre a epocha lyrica no S. Carlos.

A dona da casa, com um sorriso nos labios e um ar mysterioso, simultaneamente, diz:

«Pois é verdade, não se abre o S. Carlos enquanto a nova sociedade se não organizar, mas espero que ella daqui a uns mezes, ahí estará rica, capaz de substituir essa sociedade odiosa que já se desfez!»

As valsas seguiam-se, e durante uma d'ellas, quando essas *beldades*, olhando para os espelhos se compunham, mas desgraciosamente, e se inclinavam para o seu par, como, talvez, fizessem as filhas da condessa, um creado bate as palmas, e n'um tom soturno diz:

«O snr. Pires tem de falar ao telephone com um ministro, e não o pôde fazer com este barulho. Esperem!»

Passados momentos, um «Pódem continuar», veiu animar novamente a sala, que durante esse tempo se conservára mûda e quêda.

Depois, *Taxis* e trens de praça enfileirados, lá recebem aquellas que se julgavam... *superiores!*...

E no dia seguinte, os joraaes «monstros» de grande circulação davam a noti-

— Já tenho bilhete, Chica... Sempre vaes?

— Vou, declarou ella com decisão.

E foi... E eu fui tambem...

E quando a orchestra executou a *Portuguesa*, á entrada do sr. dr. Manuel d'Arriaga, já eu lá estava, no meu lugar, de pé respeitavelmente, e olhando enternecido a Chica, que lá de pé tambem lá no camarote surgia deslumbrante na simplicidade de seu vestido escuro, em que o decote punha um trecho de paisagem Suissa, quando a neve cobre os campos.

A Chica fitava com uma vaga surpresa, a tribuna real e de vez emquando lançava-me um olhar, em que eu costumado a ler nos seus lindos olhos, como se fosse o *Diario de Noticias*, lia esta pergunta:

— Mas quem é aquella gente, Anselmo?

Por fim o hymno terminou, entre vivas e palmas e todos em volta se sentaram. E lá na segunda ordem, Chica, como o sol descendo sobre o horizonte esbrazeado, baixou lentamente o busto airoso sobre o rebordo vermelho do camarote, a ageitar a cadeira.

No primeiro intervallo fui lá acima, pelas escadarias, pelos corredores, em que uma multidão ruidosa se acotovellava, gesticulando, fumando, rindo, numa atmospheria de uma noite de beneficio no theatro da Rua dos Condes.

A Chica estava que nem uma bicha!...

— Não está ninguém conhecido, disse-me ella seccamente, como se a culpa fosse minha.

— Não, senhora D. Francisca, observei eu tratando-a ceremoniosamente por causa da tia, olhe que ainda assim esta bastante gente conhecida. Alem está o sr. Brito Camacho... aquelle [sugeito que está a coçar a cabeça... e ali está o sr. França Borges, o de barbas, e agora mesmo aqui no corredor encontrei, córadinho e pimpante, o sr. Grandella.

A Chica teve um encolher dos lindos hombros, e murmurou, voltando-se para a sala a binocular a platêa:

— Ora!...

Houve um silencio. No camarote ao lado uma voz de homem explicava a uma senhora gorda, de laçarotes verdes pelo vestido:

— Está... o palco está muito bonito...

cia, figurando... entre a assistencia os nomes d'algumas pessoas d'essa «sociedade odiosa» que nem sabiam da existencia disso, e que embora recebessem convites não os... acceitavam!!

Um pouco de tudo

Está justo o casamento da senhora D. Laura Perestrello de Vasconcellos com o snr. D. Vasco Pinto de Sousa Coutinho (Balsemão).

— Realiza-se hoje o casamento da senhora D. Pilar da Cunha Sotto Maior com o snr. Fernando Luiz de Sousa Coutinho Ferreira Pinto Basto (Borba).

— Realizou-se segunda-feira ultima o casamento da senhora D. Maria José de Sequeira Sant'Anna de Lança Cordeiro com o snr. Domingos de Sousa Pinto Moreira.

— Regressou a Lisboa a senhora Condessa de Valença.

Partiram para o estrangeiro os nobres marquezes de Sousa Holstein.

— Regressou a Lisboa, vindo de Africa, o illustre engenheiro snr. Carlos Roma Machado de Faria e Maia, acompanhado de sua esposa e filha.

— Parte brevemente para Linhares da Beira o nosso bom amigo Luiz Guedes Mimoso Brandão de Mello.

— Vindo de Lisboa está em Guimarães com sua esposa e filhos, o snr. coronel Julio Acciaiuoli de Menezes.

— E' esperado em Lisboa o snr. Bernardo Pinheiro (Arnoso) que vem gosar as ferias do Natal.

— Acompanhado de esposa e filhos, regressou ao Porto, o snr. Alberto Rebello Valente Allen (Villar d'Allen).

— Regressou a Lisboa o snr. conde de Cuba.

— Consta que um grupo de rapazes da nossa primeira sociedade, tenciona organizar um baile no proximo mez de janeiro.

— Regressaram a Lisboa os senhores Viscondes de Alverca.

— Partiu para a Austria o senhor Alfredo Anjos (Fontalva).

Plebiscito

As respostas ás 3 perguntas que formam o plebiscito, devem ser enviadas ao Director da Semana Elegante, para a redacção do *O Correio* contendo a palavra «plebiscito» no subscripto e, d'entre ellas serão publicadas as que mais interesse tiverem para as nossas leitoras. Este plebiscito tem por fim unico conseguir que a primeira sociedade do Porto se dê mais e mais miudados rendez-vous.

1.º Qual a maneira pratica de augmentar o numero de rendez-vous elegantes no Porto?

2.º Quaes os pontos futuros de reunião?

3.º Quaes os dias e horas que se devem marcar para esses rendez-vous?

2 FOLHETIM D'O CORREIO

A CHICA

A CHICA EM S. CARLOS

N'essa noite a Chica, logo que eu cheguei, disse-me com ar resolutivo e terminante, de quem tomára uma decisão que já estava assente, a qual não havia mais que discutir:

— O Lopes, da loja de modas, offereceu á tia um camarote para a recita de gala em S. Carlos, e nós vamos. Trata de arranjar bilhete.

E como eu a fitasse um pouco surpreendido, sem perceber bem que ideia fóra aquella de Lopes, a Chica explicou:

— A recita é gratuita e os bilhetes são distribuidos pelas juntas... não sei de quê...

— Não-de ser as juntas de parochia, elucidai eu.— Isso mesmo... O Lopes pertence a uma d'ellas e como a tia foi lá hoje comprar umas cousas, elle offereceu-lhe um camarote.

— Sim... uma especie de Bonus Universal, observei. Mas então vaes á recita, Chica?

— Vou, respondeu ella decisiva e brusca.

Com meiguice, tentando dissuadil-a, murmurei hypocritamente, n'uma vaga allusão ao sangue azul das Corte-Reaes que corria nas veias da Chica, de mistura com o sangue plebeu dos Pires Pereiras:

— E a mamã, lá no outro mundo, gostar-á?

A Chica teve um repellão de mau humor, e eu atalhei logo a apaziguar:

— Está bem... Hei-de ver se arranja bilhete...

Aquella resolução da Chica contrariava-me.

Depois da Republica ella deixará de ir a teatros, quasi não sahia á rua, e rara era já a noite que não passasse em casa, folheando distrahidamente jornaes de modas ou bordando lentamente um *chemin*

Aquellas jarras grandes são lá dos armazens...

— Ah! são do sr. Grandella! exclamou a senhora gorda, voltando-se a lançar ás jarras um olhar respeitoso.

— São, continuou a voz d'homem. O patrão emprestou-as para a ornamentação.

N'esse momento a Chica teve como que um sobresalto de alegria, e exclamou: — Ah!... lá está o conde das Casas Boas!... Alli n'uma friza...

Depois, interessada, já contente, observou, lembrando-se do camarote offerecido á tia pelo Lopes da loja de modas:

— Como terá elle vindo?!...

— Talvez de electrico, respondeu ingenuamente.

— Não é isso que eu pergunto... Como terá elle arranjado vir á recita de gala?...

— Não sei... Talvez tambem tivesse sido emprestado pelo Grandella para a ornamentação.

— Que tolice!

E a Chica furiosa commigo fincou os cotovellos no rebordo do camarote.

Mas logo se voltou, interessada de novo, ao ouvir a tia exclamar acenando para baixo, para um camarote de primeira ordem:

— Olha quem alli está... no camarote que era das primas Pamplonas!...

— Quem é?... Quem é?... perguntou a Chica puxando do binoculo.

— E' o José Lourenço... o homem do talho... E ainda bem que elle veio ao theatro, porque me não lembrei de que ia lá jantar amanhã o major Sequeira, e só encomendei um kilo de vitella!...

E enquanto a Chica, furiosa, mordida os beiços, a tia ficou-se a acenar lá para baixo, para a primeira ordem, para o camarote que tinha sido das primas Pamplonas, espetando dois dedos, a tentar explicar ao homem do talho, que já não queria só um kilo de vitella... que queria dois... dois... sim... dois...

Eu, desolado, pensava no que teria de aturar á Chica n'essa noite, quando lhe fosse fallar á janella, depois do theatro.

E nas veias gelava-se-me este meu sangue de plebeu que sou, o que aliaz sempre occultei á Chica, não fosse revoltar-se n'ella, contra o nosso namôro, o sangue dos Côrtes-Reaes. ANSELMO.

CHRONICA MILITAR

Paris, 14 Dezembro. 1912

Mr. Jaurés falou outro dia no Palais Bourbon, defendendo o seu *contra-projecto da Lei dos Quadros*.

«Nunca se falou com maior ligeireza — diz o *Reichsbote* de Berlim, referindo-se ás palavras do *leader* socialista — n'um parlamento, a respeito de politica interna e externa, de educação do soldado e da instrução do Exército.»

E é bem verdade! O *contra projecto* de Mr. Jaurés (que bem é que se diga desde já foi reprovado por 481 votos contra 93) consistia em nada mais nada menos, do que no completo *bouleversement* de toda a organização militar franceza e de todos os basilares principios em que ella assenta.

Isto na dura e sombria hora de crise que a Europa atravessa...

Nada de guerras offensivas e todo o governo que as declare, deve ser considerado *traidor!* — eis o lemma pacifista de Jaurés.

E, batendo sempre nesta tégla do *pacifismo* e de *guerra á guerra*, o *contra projecto* principia por acabar com o exercito permanente e termina na curiosa distincção das duas classes de officiaes: *officiaes militares e officiaes... civis*.

Em substituição do ultimo systema de recrutamento, lá vem a instrução militar a *prestações com quota minima*: 6 mezes inicialmente e depois curtos periodos de... repetição...

Emfim uma salganhada, que poderia assustar os *militaristas* e patriotas francezes, se não os fizesse sorrir no actual momento historico.

E' sempre a eterna mania, de que infelizmente tambem vemos atacados muita gente no nosso paiz. Se Deus quizer ha-de ser molestia de pouca dura e os factos se encarregarão de demonstrar que não se improvisam soldados para campanha, como *clarinhas* para o *Quo Vadis* do Hypodromo ou como... *néo-clarinhas* para as escolas de repetição.

Quem escreve estas linhas préza-se de conhecer um pouco o que seja a instrução individual do soldado. E como se sabe, a *instrução individual* é a base imprescindível não só de toda a preparação técnica do soldado, como da sua educação moral.

Pois muito bem: podemos garantir que tudo quanto seja menos de tres annos de serviço no exercito activo, e tres annos *bem aproveitados* — é uma illusão, simples fogo d'artificio para inglez ver, *cordas de viola* por fóra e por dentro *pão bolorento*, como na conhecida maxima popular...

Talvez esta ideia não seja compatível no nosso paiz com a dos *enormes exercitos* de n + 1 mil homens. Mas, nós, consideramos infinitamente preferível um exercito pequeno, mas bem treinado, *bem disciplinado*, bem apetrechado, emfim bem preparado para a guerra — a outro de grossos effectivos, ao qual tudo falta, desde a instrução do soldado e da sua disciplina, ao seu armamento e ao seu munição.

Cinco semanas em balão, perdão, cinco semanas de instrução será muito boa para os sequazes de Mr. Jaurés.

Nós vamos com os mestres da guerra, com Langlois, com Maitrot e com tantos outros, com o bom senso e a boa logica e... com o muito que estes nossos olhos, que a terra ha de comer, já tem visto sobre o que é, *na realidade*, a redução do tempo de serviço na fileira.

Menos de tres annos: tudo trêtas, muito dispensaveis essas lindas e ócas palavras mas que a realidade pratica das cousas se encarrega a *seu tempo* de demonstrar nada valer em toda a extensão da palavra.

Esta é a verdade, embora muito ella pése aos *suissos* e aos *jovens turcos* innovadores.

A França já acoima de *criminosa* a lei do serviço de dois annos, que teve o lindo condão de lhe deixar quasi desguarnecida, durante meia duzia de mezes, do anno, a sua fronteira de Leste e de Norte.

A Portugal lhe chegará a sua vez de chorar e chorar lagrimas bem amargas...

Quando a hora do perigo soar, e se vir o lindo espectáculo de linhas de fogo atirando para as nuvens ou atirando ás lagartichas e mais bicharôquinhos da terra, quando se presenciar o edificante quadro de verdadeiras desordens a murro na linha de fogo, quando se veja que o soldado não sabe nem atirar, nem manobrar, nem marchar, nem estacionar, nem combater, quando se tenha a 2.^a edição — correctea e augmentada — das celebres milicias, a quem na guerra peninsular Berrford negou a honra de ter bandeiras, por as haverem deixado cahir ignominiosamente nas mãos do inimigo... então... digam que somos nós os *criminosos* e os *traidores*.

BEZIGRÉ

França

A promoção do Natal no Estado

Maior General — comprehenderá, no proximo dia 22 de dezembro:

1 Membro do Conselho Superior de Guerra; o posto importante de Governador militar de Paris, vago pela passagem á reserva do General Maunoury; um ou dois commandantes de corpo de exercito; 9 generaes de divisão (dos quaes 5 para a infantaria, 1 para a Cavallaria, e 3 para a artilharia); 16 generaes de brigada (dos quaes 10 para a infantaria, 2 para a cavallaria, 3 para a artilharia e 1 para engenharia); 2 intendentes militares; 1 ou 2 medicos inspectores.

Indicam-se desde já: para governador militar de Paris, o general Michel, membro do Conselho Superior de Guerra; para membro do Conselho Superior um dos generaes Dubail, Plagnol, Picquart, Bonneau, Valabrègue, ou d'Arnade; para o Quinto Corpo (Orleans) irá o general de divisão Roques, commandante da 7.^a divisão d'infantaria (Paris).

Estados Balkanicos

Officiaes, que seguiram o curso da escola de guerra, em França, em 1912, tendo deixado de a frequentar em setembro para entrar em campanha.

BULGAROS. — Jostaff, de cavallaria; tenente Shodoroff, de infantaria.

SERVIOS. — Conde d'yrachatz, 2.^o filho do Rei Pedro.

Capitão Stóyanorich, de artilharia. Capitão Maimcowich de cavallaria.

GREGOS. — Coronel Charalambis, de artilharia; Capitão Prantonnas, de infantaria. Capitão Magaralhis, de artilharia; Capitão Margaritis, de infantaria; Capitão Clados, de infantaria. Capitão Sariaunis, de infantaria; Tenente Calujeros, de infantaria; Tenente Catheniatas, de artilharia.

Alemanha

O orçamento do Imperio para 1913.

EXERCITO — Entre as novas formações, já votadas para 1913, e para o que se necessitará d'um augmento de despeza suplementar de 48 milhões, contam-se: 1 inspecção de tropas de caminhos de ferro, 93 companhias de metralhadôras, 1 regimento de cavallaria, 2 secções de projectores, 1 batalhão independente de caminhos de ferro, 1 companhia de automobilistas, varias fracções de equipagens, etc.

MARINHA — As Despezas ordinarias para a Marinha são computadas em 532:446:267 fr. ou sejam 47:025:488 fr. mais do que no anno anterior.

Pelo que toca a despezas necessarias ao serviço de novas unidades são as despezas avaliadas em 71:315:000 fr. ou sejam 6:947:500 fr. mais que no anno anterior.

O armamento dos navios exigirá 3:272:480 fr. mais que em 1912. Emfim, 25 milhões são previstos para os submarinos. Quando as construcções navaes, actualmente nos estaleiros estiverem terminadas, só ficarão faltando para o effectivo 2 couraçados e 3 pequenos cruzadores. Os quadros da Armada Imperial serão augmentados de: 30 capitães de fragata e de corveta, 26 tenentes, 17 guardas marinhas e aspirantes de 1.^a classe, além de officiaes de serviços technicos e sanitarios. O pessoal menor terá o augmento de 6:135 homens.

* *

Carta de Paris

Paris, 12 Dezembro, 912

Em todos os grandes armazens de modas, como nos mais modestos bazares, o artigo em foco são os brinquedos que o Pae Natal deporá no sapatito da creançada na noite do *réveillon*.

O *Louvre*, o *Lafayette*, o *Printemps*, o *Bon Marché*, dedicaram aos brinquedos instalações e cartazes.

Na grande rôda de carro que fórma o rez-do-chão d'essas monstros, ergue-se desde o dia 1 de dezembro armazens Arvores do Natal, cujas braçadas attingem as galerias do terceiro andar.

E, em volta da Arvore, a sombra dos seus ramos festivos, á imaginação infantil encontra-se plenamente satisfeita pela imaginação dos fabricantes do *artiche de Paris*, a maior parte do qual é importado da Alemanha. *Made in Germany*.

Ha, então, circos pequeninos, com a plateia repleta de espectadores; os palhaços na arêna, a reprodução, em pequeno, d'um circo de cavallinhos; ha um grande predio em chammas, com os bombeiros atacando as chammas, as bombas, as escadas magyruas, um serviço de incedios que parece montado por Guilherme Gomes Fernandes.

Grandes e pequenos, homens e creanças, vesitam as exposições de brinquedos como se pôde visitar o *Salon de outomno* ou o de maio.

Desde o dia que começou a venda, dos brinquedos, primeiro é a provincia que se surte: não ha creadinha, ou costureira, ou frequentador do Montmatre que não remetta ao irmãozinho ou ao sobrinho, um um ou dois brinquedos.

Por enquanto é a provincia.

Mas para a semana, não se vê outra coisa do que fiares com cavallos de pau na boleia, ou camas de boneca, ou um theatro, Arvore do Natal, grandes caixas, estojos, malas com fatos de boneca, mobilias de boneca, carros, velcipedes, automoveis.

No dia 22 de dezembro, anno passado, nos mais gigantescos armazens de modas não restava de todo esse *stock* senão os bonecos partidos, e os carros dessoldados.

Tudo vendido!

Os jornaes assignalaram a importancia da venda que attingia milhares de contos.

Pobres, ricos, remediados ou miseraveis, todos quantos teem uma creança n'alguem lar remoto, compram o seu brinquedo.

Não ha n'este mez, francez que não tenha a sua *course à faire*: essa volta a dar é para comprar brinquedos.

E o que ha de notavel n'esta corrida ao brinquedo, corrida louca, de pânico, com o receio de que se acabem os soldados de chumbo, ou os carneiros de pasta, pânico como nunca se viu em corrida a bancos, nas vesperras de banca-rôta; o que isto traduz, é que o francez tem sempre promptas as suas economias, o seu pé de meia, para se estabelecer, ou para comprar brinquedos para a Arvore do Natal.

Assim é.

O francez, não importa de que situação social, faz sempre conta com a velhice, e dir-vos-ha aos trinta annos, em que anno da sua vida se retirará do trabalho.

Perguntar a um criado, a um barbeiro, a um empregado, a uma lavadeira: — «Você está a fazer o seu pé de meia, pois está?»

Muito admirados da nossa admiração, responder-nos-hão:

— «Pois claro! assim é preciso! se eu comesse tudo quanto ganho, o que havia de ser de mim na velhice?!...»

A um trabalhador perguntei uma vez donde provinha este talento economisador da raça franceza.

— «Não é talento, é habito! — e explicou-me: — Desde pequeninos que as nossas familias, nos dão a nossa caderneta da *Caisse d'Epargne*. Ao domingo segundo as posses da familia o pae dá-nos cinquenta centimos, e nós vamos pôl-os na Caixa Economica. Dia de annos, uma licção melhor; na Paschoa, dão-nos um franco, e nós caderneta com elle. Os padrinhos, os tios, os avós, de vez em quando, dão-nos um *sou*, a gente junta, e aos domingos vamos á estação do correio mais proxima, que recebe os depositos da Caixa Economica. Ora como os paes não podem tocar no dinheiro que os filhos tenham na *Caisse d'Epargne*, e como os filhos só lhe podem mexer quando chegue á maioridade, segue-se que todo o francez chega á maioridade com um peculio, grande ou pequeno, sempre d'accordo com a sua situação social. A esse tempo já se trabalha, já se ajunta mesmo, aos vintens dados pelo avô, uns 5 ou 10 francos por semana, poupados pelo nosso braço. Ninguem se lembra de ir levantar o deposito da Caixa Economica. Ao contrario, a ambição é arredondar, acrescentar. Um dia estabelecemo-nos, tira-se d'alli uma parte, mas uma parte só! E continua-se. Quando a velhice chéga, segundo a posição, a côdea de pão está sempre certa e é do tamanho da nossa bocca!»

E' assim, por este espirito de economia — que o Estado assegura e defende, não permitindo ao poder paternal que administre ou levante os vintens dos filhos — que o francês, quando o Municipio de Paris lança um emprestimo, o cobre quatorze vezes; é assim que o francês tem sempre prompto o seu pé de meia para adquirir uma obrigação da *Ville de Paris* ou uma boneca para metter dentro do sapato do filho, na noite de Natal.

A França tem aspectos dignos de imitar, que não são propriamente os *boulevards* e os *music-halls*.

E é preciso que a raça seja poderosa para resistir á invasão pacifica dos allemães — 180.000 allemães em Paris! — para resistir á desnacionalização cosmopolita, para se não desfazer das suas virtudes, para não perder o seu patriotismo, para continuar a falar francês, quando quasi só ouve falar linguas estrangeiras, e cada vez é mais avassaladoramente povoado por estrangeiros. Admiravel povo, este povo francez, que exposto a tudo quanto possa estrangeiral-o, continua todavia a ser a França, com uma alma bem franceza, e as suas virtudes de raça, intactas.

J. SEQUEIRA.

* *

Cartas de Lisboa

What Confusion!

Era a exclamação usual de um prefeito inglezado ao entrar inesperadamente na aula, quando a rapasiada se entregava ás ruins, barulhentas e extravagantes partidas.

Em verdade a confusão não podia ser

maior, tal qual succedeu toda esta semana á politica caseira. Vamos a ver, se apesar de tudo, poderemos dar uma ligeira impressão do momento.

Ha um governo representante da concentração parlamentar, mas no parlamento reina — e emprega-se o verbo só na acepção de reinadio — o maior desconcerto entre os varios grupos, em cujos jornaes se degladiam acerba e odeiamento uns e outros. Poderia parecer á primeira vista mais natural que os illustres representantes desses grupos no ministerio se desconcertassem tambem, abrindo a crise, ou se realmente estão de accordo entre si, estreitassem então mais a sua concentração intima e puzessem aberta e francamente a questão politica ao parlamento. Nada d'isso! O ministerio está em crise, dizem-n'o todos os jornaes, mas está em crise cá fóra, porque no parlamento finge que vive, que administra e que governa, e nem a mais ligeira pergunta surge a inquirir d'essa situação verdadeiramente anomala. A crise existe, o ministerio não pôde caminhar e no entanto, com as camaras abertas, não apparece a mais pequena opposição. Quando surge qualquer questão não é com o ministerio, é com o monstro A ou o monstro B, e o monstro leva pancadaria grossa mas o ministerio fica. São moldes politicos absolutamente novos, originaes, que bem merecem um *brevet* de invenção, com rotulo e tudo, como dizia o snr. Ministro dos Estrangeiros!

Trata-se da eleição da Presidencia e os grupos debatem-se. Uns vencem, outros ficam vencidos. E o ministerio que ninguem sabe para que lado se inclinava fica, mas, o peor é que fica, tendo os ministros naturalmente voltado com os seus respectivos grupos.

Trata-se de eleições de commissões, e os grupos pelem pelos seus candidatos, e o governo alheia-se do caso, cada ministro vota na sua lista, e o ministerio fica! Mas tudo isto que é extravagante poderia ainda succeder, determinado pela paixão do poder, pela vontade de mandar, de governar, mas qual! O governo não manda, como se viu no conflicto da rua com os agricultores, ou se manda não é obedecido, mas fica. E fica, querendo ir-se embora, fica quando todos dizem que deve sahir!

Fica, por quanto tempo? Ignora-se. Um jornal dizia ha dias que por mais tres mezes, talvez. E' então um ministerio aos trimestres, que fica na casa contrariado, apenas para poupar a renda, visto não apparecer ninguem a tomal-a de trespasse!

Toda esta extravagantissima situação politica provem do primeiro erro cometido — a fórma como se constituiu o Parlamento. Agora por mais que peçam, por maior boa vontade que haja em evitar conflictos, remediar incidentes, mascarar de logico o que de nascença é illogico, seja qual for o ministerio que esteja, fique este ou venha outro, a crise ha-de preexistir, porque o que está em crise não é o ministerio, nem sequer os ministros, mas apenas os srs. Affonso Costa, Antonio José d'Almeida e Brito Camacho.

E' em torno d'estas tres individualidades que gira hoje toda a politica portugueza, e assim se explica a extravagancia da situação ministerial. Todos querem que o sr. Duarte Leite regresse breve a Louzada e quem-no não porque tenham duvidas sobre as qualidades administrativas e politicas de S. Ex.^a — que se destaca sem lisonja de todos os politicos actuaes — mas porque não querem os ministros que elle tem e que são representantes dos tres grupos. E' verdade que se todos querem que elle se vá embora, elle ainda o deseja mais. E tem razão. Não são para apeteecer nem a honra nem o trabalho!

E afinal como e quando ficará solucionada a crise? Apparentemente, dizem que o será breve, porque tem havido conferencias.

RAUL.

Trespasse da propriedade

DE

“O CORREIO”

* *

Já depois de estar impressa a primeira pagina d'este n.º, communicamos o Snr. Joaquim Leitão, que cedeu por venda a propriedade d'este jornal a seu irmão o Snr. Mario Antunes Leitão.

Porto, 19 de Dezembro de 1912.

ALBANO RAMOS PAES

CASA DE MODAS E CONFECÇÕES

Rua do Coronel Pacheco, 3 — PORTO

Telephone, 393 End. teleg. Novidades

Sortido completo em todo o genero de tecidos para vestidos de passeio e vesita.
Especialidade em tecidos para toilettes de cerimonia.

Unica casa que tem sempre as ultimas novidades em guarnições para vestidos.
Enxovaes para casamento, para o que tem pessoal habilitadissimo.

Atelieres de vestidos e roupa branca

ALFAIATARIA

GONÇALVES, FILHO

RUA FORMOSA, 252 PORTO

Sortido completo de fazendas nacionaes e estrangeiras
Executa-se todas as obras no mister

Garante-se ser esta casa a que mais barato vende e mais barato confecciona

Rapidéz na execução de todas as encommendas

Magalhães & Moniz, L. da

LIVRARIA EDITORA

Depositarios da Imprensa Nacional

Venda de livros nacionaes e estrangeiros de ensino, arte, sciencias e letras.

Agencia de assignatura para todos os jornaes e publicações
Correspondentes em todo o mundo

CASA FUNDADA EM 1873

11 — Largo dos Loyos — 14 — PORTO

V. Pinto de Faria

Commissões, Consignações e Conta propria
R. de D. Pedro, 110—2.º PORTO

Acceita representações de casas nacionaes e estrangeiras

CASA ROCHA

Armazem de artigos de verga e palha

(Antiga casa do Chalet do Boihão)

Cadeiras e cestas da Ilha da Madeira

73, Praça do Boihão, 74 — PORTO

Atelier de Roupa Branca
M. d'Aguiar Leitão



Proprietaria e directora:

Marqueza Isabel d'Aguiar Leitão

Fabrica e deposito de roupa branca para homem, senhora e creança

Os mais elegantes modelos em roupa branca de senhora
(ESPECIALIDADE D'ESTA CASA)

Enxovaes para casamento. * Enxovaes para baptisado

BRINDES A TODAS AS NOIVAS

20, Praça da Batalha, 22 — PORTO

(Á entrada da R. de Santo Ildefonso)

Fabrica de pregos e ferragens para malas

A unica no Paiz que fabrica todos os artigos para confecção de malas de viagem

PEDIR CATALOGOS E PREÇOS AO DEPOSITO

RUA DE D. PEDRO, 110—2.º PORTO

VIDRARIA MODERNA

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Augusto Gomes dos Santos

Completo sortido em louças, vidros, crystaes, molduras e outros artigos proprios para brindes

Telephone, 1139

Rua Sá da Bandeira, 195 a 199 — PORTO

AGENCIA DE LEILÕES

DE

Antonio Coelho Relvas

Rua do Bomjardim, 494

(Proximo á rua Fernandes Thomaz)

Encarrega-se de fazer leilões em casas particulares, tanto no Porto como nas provincias. Recebe moveis á comissão para serem vendidos em leilão no seu bazar na rua do Bomjardim, 494.

Seriedade nas transacções.

O agente, Antonio Coelho Relvas.

VINHOS

DAS

QUINTAS DO CABO TRANCADA E MATTINHO

EM

Santa Martha de Penaguião (DOURO)

PROPRIEDADES DE

Augusto Anthero de Magalhães

ENCOMMENDAS:

Recebem-se no Largo dos Loyos, 12 Telephone, 584

“ADESIVOS E MAKAVENCOS,,

Chegou nova remessa d'estes magnificos bacios á casa

“AU BON MENAGE,,

81, R. de Cedofeita, 85

Teleph. 942--PORTO

Casa especialista no fabrico de colchões de arame, colchões de folhelho, lã, crina, e summauma

Unica colchoaria no Porto que possui um bem montado serviço de esterilisação e desinfeccão pelo vapor sob pressão.

O proprietario,

Julião D. Monteiro